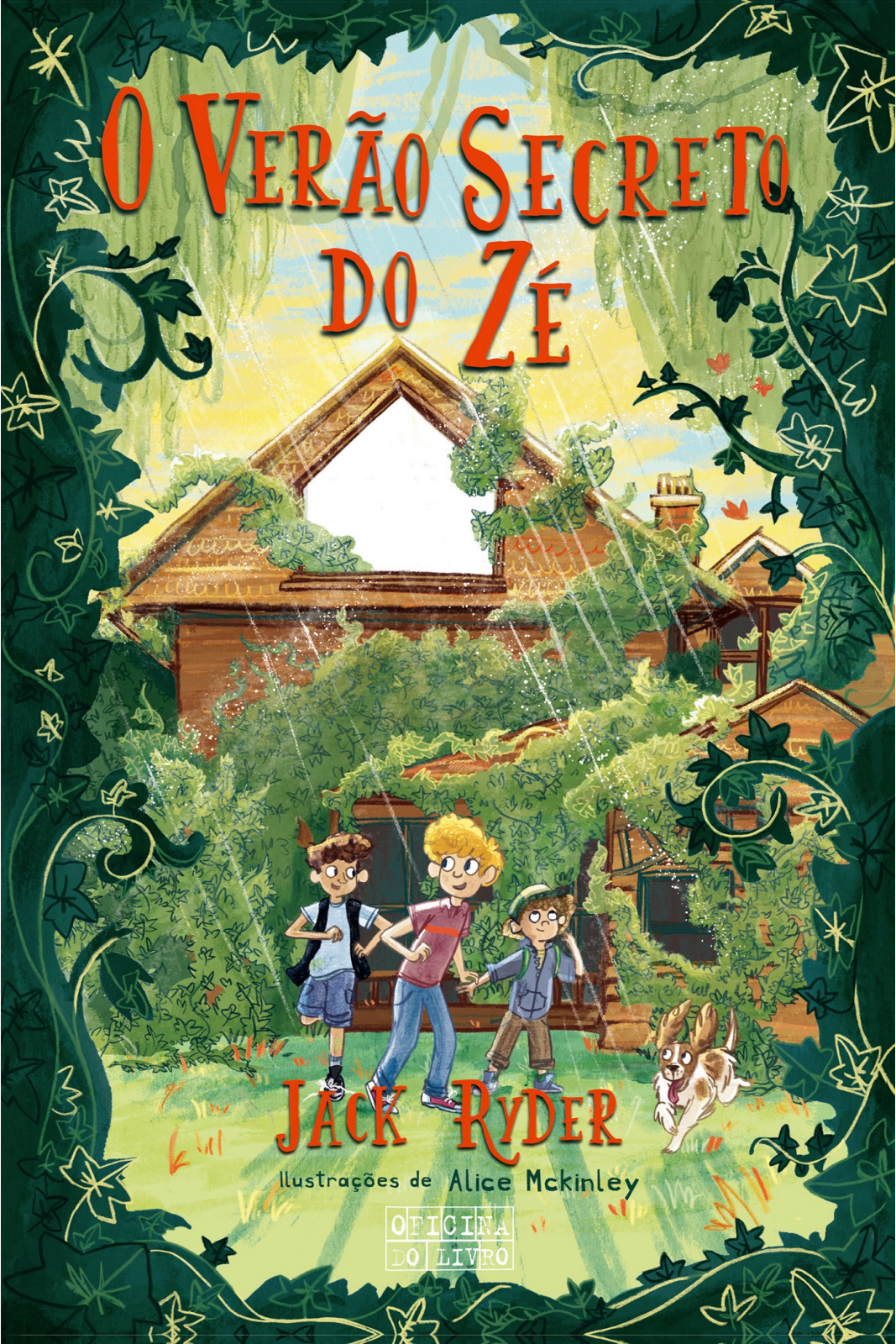


# O VERÃO SECRETO DO ZÉ



**JACK RYDER**

Ilustrações de Alice McKinley

OFICINA  
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

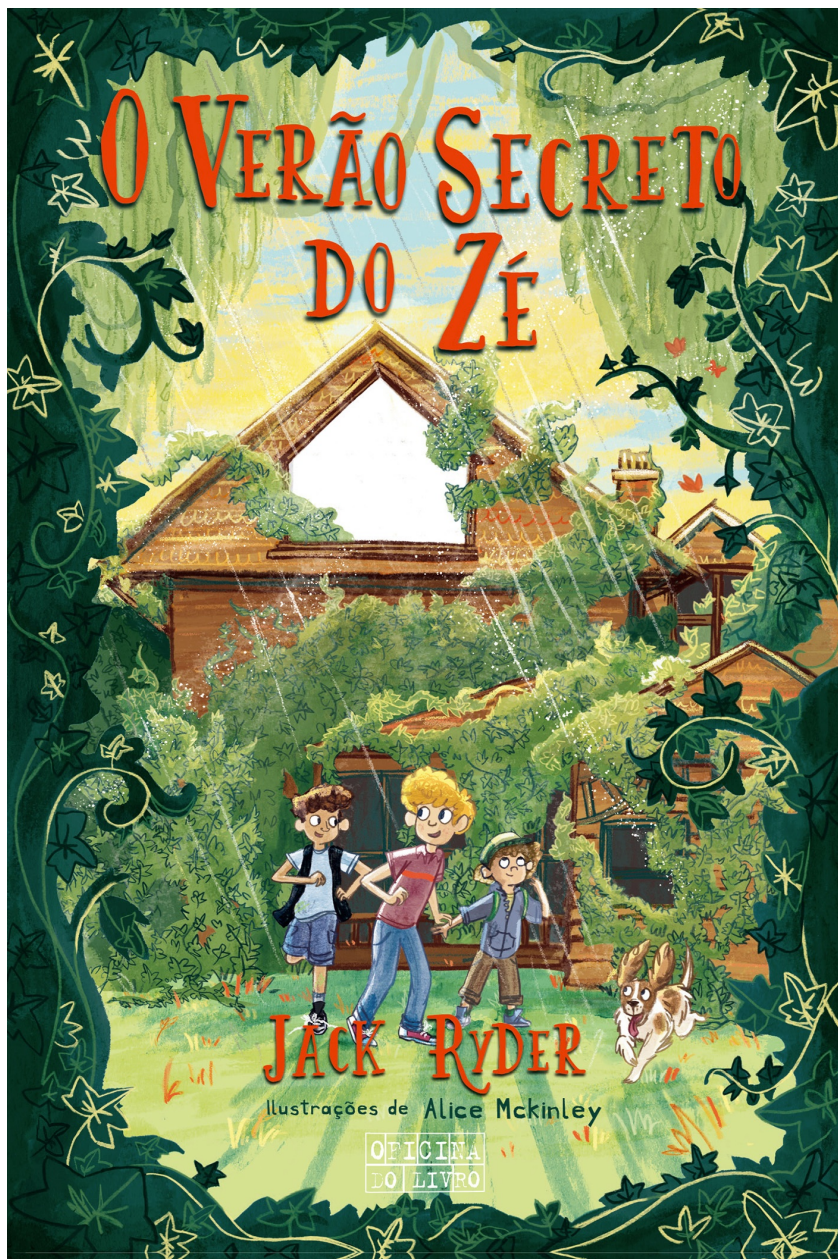


# O VERÃO SECRETO DO ZÉ

JACK RYDER

Ilustrações de Alice Mckinley

OFICINA  
DO LIVRO



## **Ficha Técnica**

Título: O Verão Secreto do Zé

Título original: Jack's Secret Summer

Autor: Jack Ryder

Tradução: Susana Ferreira Cardoso

Revisão: Oficina do Livro

Adaptação da capa por Alexandra Costa/Leya S.A.

ISBN: 9789896609917

Oficina do Livro

uma chancela LeYa, S.A.

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

Texto copyright © Jack Ryder, 2020

Ilustrações copyright © Alice McKinley, 2020

Publicado inicialmente por

Hodder and Stoughton Limited, 2020

Copyright desta edição: Oficina do Livro, 2020

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

# O VERÃO SECRETO DO ZÉ

JACK RYDER

## Índice

Capa

Ficha Técnica

Prólogo

O Rapaz que Vivia no Cimo do Monte

Sumo de Feijão

A Fanática do Hula Hoop

A Velha Casa Abandonada

Hora de Deitar

Planos Noturnos

Na Calada da Noite

A Rapariga

O Frasco de Vidro

Lista de Animais

Rebuçados Quebra-Dentes!

Os Poderes dos Buckley!

Alperces Maduros

Uma Ideia Maravilhosa!

O Segredo do Sr. Broom

O Lar dos Animais

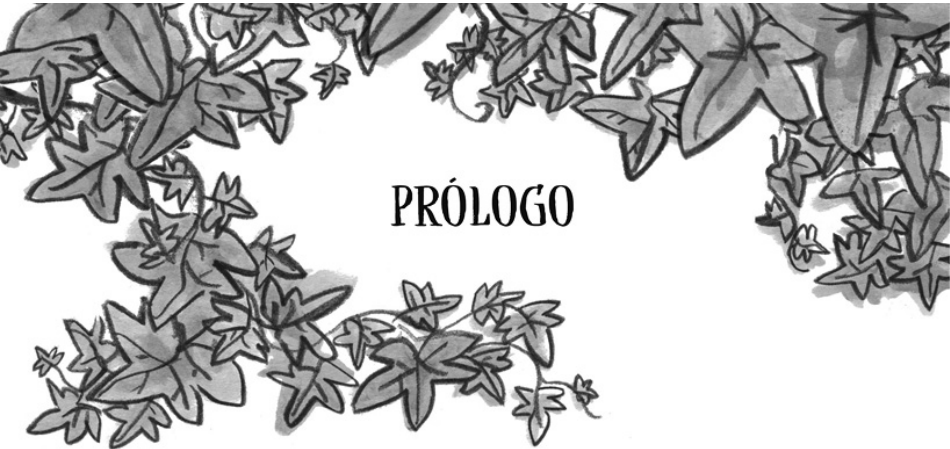
Uma História de Elefante

O Rabugento do Nettles

Outro Mundo

Agradecimentos

Para a minha mãe



## PRÓLOGO

Muitas vezes, na vida de uma criança há um momento em que tudo à sua volta lhe parece absolutamente maravilhoso e simplesmente... perfeito.

Se ao menos existisse uma invenção capaz de engarrafar a memória desse momento e pudessemos ficar com ele guardado, durante anos e anos, como um perfume requintado. Depois, um dia – *plop!* – tirávamos-lhe a rolha, passávamos o frasco debaixo do nariz e revivíamos o momento como se fosse a primeira vez. Não seria fantástico?

Bom, não devia contar-vos isto... mas essa invenção existe mesmo. Na verdade, existe nas páginas deste livro. Só que, tal como a maioria dos tesouros mais assombrosos do mundo, foi há muito esquecida. Até agora...





## O RAPAZ QUE VIVIA NO CIMO DO MONTE

Estávamos no final de julho e não era um dia qualquer.

Era, na verdade, um dia muito especial. Um dia com o qual milhares de crianças de todo o país sonhavam há semanas e semanas: o último dia do terceiro período. As férias de verão tinham finalmente chegado!

Na escola de uma pequena vila, no sopé de um monte muito alto, soou uma ruidosa campainha. Instantes depois, centenas de crianças irromperam pelas portas duplas, entre gritos e gargalhadas, lançando ao ar as suas mochilas – uma visão e tanto! De braços erguidos, raparigas e rapazes saíram disparados pelos portões da escola para o mundo lá fora, sem nunca olharem para trás.

No entanto, havia entre eles, um aluno que não gritava, nem se ria, nem lançava a mochila ao ar.

Esse aluno chamava-se Zé.

O Zé vivia no cimo do monte e quem o visse caminhar lentamente ladeira acima em direção a casa, perceberia que ele não estava tão entusiasmado com as férias de verão como as restantes crianças.

Lá foi ele subindo e subindo, com os pés a arrastar. O monte era tão alto que, sempre que passava no céu uma nuvem mais baixa, todas as ruelas ficavam envoltas num nevoeiro mágico que ia engolindo as casas uma a uma.

Do cume, via-se uma bonita paisagem de campos e florestas rematada, junto ao horizonte, por um lago cujas águas cintilavam e tremeluziam, sempre que eram banhadas pelo sol, parecendo dançar. Era uma vista magnífica e o ar, lá em cima, era fresco e límpido.

Mas nem assim o Zé chegou a casa mais animado. Porque sabia que ia encontrá-la vazia.

A mãe do Zé já não morava lá. Partira quando ele tinha apenas três anos. O Zé vivia sozinho com o pai, o Sr. Broom, que trabalhava o dia inteiro e grande parte da noite, por isso o Zé também pouco o via.

O Sr. Broom era funcionário no Lar para Animais Idosos.

O lar recebia animais exóticos vindos de todo o mundo para ali passarem os seus últimos anos, e cabia ao pai do Zé cuidar deles.

O Sr. Broom adorava animais. O problema não eram os animais, mas sim o seu chefe, o Sr. Nettles.

O Sr. Nettles era o patrão mais rabugento do mundo. Detestava os empregados e obrigava-os a trabalhar até tarde, todas as noites, o ano inteiro, incluindo aos fins de semana.

Todas as manhãs, o Sr. Broom saía de casa às seis em ponto e só regressava bem depois de escurecer. Havia noites que nem sequer conseguia chegar a tempo de ver o filho acordado. Sempre que isso acontecia, o Zé fazia uma sanduíche de compota para o seu jantar e, antes de ir para a cama, preparava outra para o pai, deixando-a em cima da mesa, embrulhada em papel de cozinha.

Apesar de sentir muito a falta do pai, nem tudo era mau. O Zé dizia a si próprio que até tinha alguma sorte.

Estar sozinho em casa permitia-lhe fazer coisas que as outras crianças não podiam, como pôr a televisão ao berros ou pular em cima da cama. Também podia ficar acordado até à hora que lhe dava na real gana, e não havia ninguém que o mandasse lavar os dentes ou ir para a cama.

Mas, a maioria das vezes, o Zé sentia-se muito só e, ao rodar a chave na fechadura, deu por si a desejar ter em casa alguém com quem celebrar o final do ano letivo.

Quando entrou, estava tudo em silêncio. Um vazio repentino apertou-lhe o peito enquanto descalçava os ténis. Largando-os junto à porta da rua, subiu para o quarto.

O Zé deitou-se na cama, a olhar fixamente para o teto. O único som que se ouvia era o suave *tique-taque* do relógio na mesinha de cabeceira. Queria tanto sentir o conforto de ter outro coração a bater dentro de casa...

– *Miaaaaau* – chegou-lhe do corredor.

– Ah, *Óscar* – disse o Zé. – Pelo menos, tenho-te a ti...

Mas o *Óscar* não fazia grande companhia. Era um gato idoso, com longos e farfalhudos bigodes brancos, que passava a maior parte dos seus dias a dormir debaixo do radiador do vestíbulo.

O Zé soltou um suspiro e virou-se para a parede. Estava coberta de postais. Eram centenas, com fotografias de destinos longínquos, praias paradisíacas, cidades modernas e reluzentes e campos coloridos, cheios de belas flores.

Os postais tinham sido enviados pela sua mãe. Ele era demasiado novo para se lembrar do dia em que a mãe partira, mas o pai contara-lhe que ela sonhava conhecer o mundo. Por isso, certo dia fizera a mala e embarcara num avião. Na realidade, o Zé mal a conhecera, mas nem por isso sentia menos a sua falta e, apesar de alguma tristeza, esperava sempre ansiosamente pela chegada de um postal.

Estava quase a adormecer quando o silêncio foi interrompido por uma série de pancadas na parede, junto à sua cabeça.

PAM! PAM! PAM!

O Zé deu um salto sentando-se na cama.

Do lado de lá da parede, ouviu uma voz gritar:

– Isso é *nojento*, Raul. *Sai do meu quarto!*

Seguiram-se gargalhadas e mais pancadas.

Mesmo através da parede, os gritos eram ensurdecedores. O Zé sentiu um ligeiro arrepio de emoção. Saltando da cama, abriu a janela e espreitou lá para fora.

Nesse preciso momento, a janela à sua direita abriu-se de rompante e surgiu uma cabeça esgadelhada, seguida de um corpo, que trepou para o parapeito e se sentou. O dono do corpo era um miudito imundo. Tinha umas pernas magricelas cobertas de crostas de lama seca e o cabelo cheio de ervas. A sua cara contorcia-se numa careta e abanava a mão em frente ao nariz, como se do quarto emanasse um pivate a podre.

O Zé preparava-se para voltar para dentro e fechar a janela – para não parecer que estava a espiar –, quando o rapaz olhou para ele e sorriu.

– Tudo bem? – perguntou, balouçando as pernas.

– Olá – cumprimentou o Zé, timidamente.

Já encontrara algumas vezes o Bruno e o Raul, o irmão mais novo, mas só de passagem. Tinham-se mudado para ali há pouquíssimo tempo e pareciam sempre muito embrenhados nas suas brincadeiras. O Zé nunca sabia bem o que fazer quando se cruzava com eles: se lhes dizia olá ou os deixava simplesmente em paz.

– A nossa mãe foi buscar o jantar! – anunciou o Bruno, muito entusiasmado.

O Zé nem pensara em comida desde que chegara da escola, mas nesse preciso momento o seu estômago roncou de fome.

– E sabes que mais? – volveu o Bruno, fazendo-lhe sinal para se aproximar. – Tenho notícias ainda melhores... – acrescentou, esfregando as mãos, muito sorridente, com cara de quem acabou de engendrar um plano maquiavélico.

O Zé abriu a janela até onde podia e, passando uma perna de cada vez, com toda a cautela, sentou-se também no parapeito.

Mas, antes que o Bruno tivesse oportunidade de revelar o que quer que fosse, surgiu à janela uma segunda cabeça.

– Olá – disse o Raul, olhando para o Zé com um sorriso rasgado.

Tinha o cabelo todo despenteado, orelhas de abano e usava apenas um boné de basebol e umas cuecas vermelhas-vivas.

– Já disse para *saíres do meu quarto, Raul!* – ordenou o Bruno. – Ou eu conto à mãe que comeste todos os chocolates especiais dela!

– Não comi nada! – protestou o Raul.

– Então o que é isso na tua cara?

O Raul entortou os olhos, tentando ver as manchas de chocolate derretido que lhe cobriam o queixo e esboçou um sorriso meio envergonhado.

– És mesmo um ladrão! – acusou o Bruno. – Ainda por cima, *fanaste* a minha capa de edredão favorita!

O Raul franziu o sobrolho, confuso.

– Qual capa?

– A capa do espaço! A minha preferida! Brilha no escuro e tudo. Onde é que a escondeste?

– Eu não roubei a porcaria da tua capa do espaço! – gritou o Raul. – Eu nem gosto do espaço!

– *Toda a gente* gosta do espaço!

– Eu cá não! – teimou o Raul.

O Zé não conseguiu conter um sorriso. Não estava habituado àquele tipo de escaramuças entre irmãos, porque nunca tivera nenhum irmão ou irmã, mas não se importaria – até lhe parecia bastante divertido ter alguém com quem implicar. Contudo, achou prudente mudar o rumo da conversa, antes que as coisas azedassem mais.

– Eh... o que é que ias dizer ainda há bocado? – perguntou ao Bruno.

– Quando? – respondeu o vizinho.

– Era qualquer coisa sobre boas notícias...

– Ah, sim! – exclamou o Bruno, muito animado. – Ouve isto: os nossos pais vão-se embora! Por causa da foleirada do aniversário de casamento. Vão ficar fora de casas três dias inteiros! Sabes o que isso quer dizer?

O Bruno e o Raul entreolharam-se, com sorrisos traquinas.



– Não há pais... não há regras! – respondeu o Raul, desatando a dançar que nem um louco ao redor do quarto.

O Zé escangalhou-se a rir.

– Amanhã vamos divertir-nos à grande, Zé-Barnabé! – acrescentou o Bruno, saltando do parapeito e juntando-se à coreografia apalermada do irmão. – Podes passar por cá, se quiseres.

O coração do Zé transbordou de alegria com o convite, mas, antes que pudesse

responder, foi interrompido por uma voz vinda do rés do chão.

– O que é que fazem aí em cima? A comida está a arrefecer!

– *Takeaway!* – exclamaram os irmãos.

– Até amanhã, Zé! – gritou o Bruno, por cima do ombro, saindo disparado do quarto com o irmão, para ir jantar.

E o Zé ficou outra vez sozinho. Mas, daquela feita, sentia-se um bocadinho menos solitário. Balançando as pernas, satisfeito, apreciou a paisagem em volta. Dali de cima, via-se o beco atrás dos quintais dele e do vizinho e, ao fundo, a antiga casa do avô. Mais além, para a esquerda, a encosta descia até à vila no sopé do monte, onde as luzes se iam acendendo no rasto do pôr do Sol.

O Zé sorriu para si mesmo ao pensar nas palavras do Bruno: «Amanhã vamos divertir-nos à grande, Zé-Barnabé!»

Afinal, talvez as férias de verão não fossem assim tão más...





## SUMO DE FEIJÃO

Eram cerca das nove da manhã quando o Zé se virou na cama e olhou para o despertador.

Já há mais de uma hora que ressoavam gritos abafados através da parede, invadindo os seus sonhos. De repente, o Zé lembrou-se do convite que o Bruno lhe fizera na noite anterior e, atirando para trás o edredão, saltou da cama, entusiasmado.

O Zé ouviu então uma sucessão de pancadas, como se uma mala de viagem tivesse sido atirada escadas abaixo, e chegou a uma conclusão – os pais do Bruno e do Raul já estavam de partida!

Vestiu-se em três tempos e desceu a escada a correr. Mal podia imaginar que planos mirabolantes e arriscados os dois irmãos teriam engendrado: sempre achara as brincadeiras deles meio doidas, mesmo quando os pais estavam em casa. A sua barriga dava cambalhotas de felicidade só de pensar no tanto que ia divertir-se!

O Zé saiu disparado e saltou o muro baixo para o jardim da casa contígua. Estava calor e um sol radioso banhava o monte, quando ele bateu à porta dos vizinhos.

Mal alguém a abriu, correu direita ao Zé uma cadela, de cauda a abanar, freneticamente.

Era uma *spaniel* branca, felpuda, com manchas castanhas e longas orelhas caídas, que se roçou, entusiasmada, nos tornozelos do Zé, enquanto a sua cauda batucava no chão como uma baqueta num tambor.

O Zé sorriu e deu-lhe uma valente coçadela atrás das orelhas.

Atrás da cadela vinha a mãe do Bruno e do Raul, a Sra. Buckley.

Com os seus gigantescos óculos de sol já postos, remexia na mala à procura de qualquer coisa. Era uma mulher pequenina, com um cabelão louro rebelde e uns enormes brincos de argola quase tão grandes quanto a sua cabeça.

– Olá, meu querido – cumprimentou. – És o Zé, certo? Vejo que já conheceste a *Dóris*. Meninos, o vosso amigo chegou! – chamou, por cima do ombro. – Nós estamos de saída!

Sorriu ao Zé e, sem qualquer aviso, tornou a gritar:

– Ouviram, meninos?

O Sr. Buckley pegou na mala de viagem junto às escadas e começou a arrastá-

la para o carro, saudando o Zé com um aceno de cabeça firme, ao passar por ele.

– Não se esqueçam que a tia Nora deve estar a chegar! – gritou a Sra. Buckley.

Ouviu-se um sonoro resmungo vindo da porta de onde o Bruno e o Raul surgiram.

– Não nos disseste que aquela parva da tia Nora ia ficar cá em casa – resmungou o Bruno.

– Não precisamos que ninguém tome conta de nós, sabias?

– Acabou-se a conversa – admoestou a Sra. Buckley, zangada. – E nada de fazerem disparates na nossa ausência. Entendido?

O Bruno e o Raul resmonearam qualquer coisa entredentes.

A Sra. Buckley sorriu e apontou para uma e outra bochecha.

– Agora quero um beijinho dos meus filhotes.

Os dois irmãos aproximaram-se, contrariados, e deram-lhe um beijinho cada um.

– Lindos meninos! – elogiou a Sra. Buckley, sorrindo.

Depois, sentou-se no carro, ao lado do marido, acenou-lhes adeus e lá foram eles, a acelerar rua fora.

– OK – disse o Bruno, esfregando as mãos de contentamento. – 'Bora!

O Zé seguiu os irmãos pela cozinha até ao quintal das traseiras. A Dóris saiu logo atrás deles e pôs-se a farejar a relva, muito entretida.

– Que comece a batalha! – gritou o Raul.

E fez um gesto grandioso na direção do muro, em cima do qual estavam uma grande taça de vidro, uma colher de pau e oito latas de feijão vermelho, todas alinhadas. O Zé reparou então que o Raul atara uma bandana vermelha à volta da cabeça – parecia preparado para uma guerra.

– Pronto? – perguntou ao irmão.

– O que é que se passa? – quis saber o Zé, entusiasmado.

– Apostei com o Bruno que ele não era capaz de comer aquele feijão todo em menos de cinco minutos.

– Das oito latas *inteiras*? – perguntou o Zé, chocado.

– Sim – respondeu o Raul, com um grande sorriso. – E, se perder, tem de me dar a semana dele, o resto do ano! Ando a poupar para uma nova BMX.

O Zé reconheceu um brilho de triunfo nos olhos do Raul, como se a aposta estivesse no papo.

– E se o Bruno ganhar? – perguntou, embora lhe parecesse muito pouco provável.

– Nesse caso, o Raul tem de comer *tudo* o que eu mandar – disse o Bruno.

– Desde que seja comestível! – protestou o Raul. – E também não podem ser coisas fora do prazo... – acrescentou, começando a despejar as latas de feijões avermelhados na taça de vidro.

O Bruno assentiu com a cabeça, mas o Zé reparou que ele parecia um tanto inquieto.

– Que líquido é esse? – perguntou o Bruno, de sobrolho franzido.

– É sumo de feijão! – riu-se o Raul. – Já estás arrependido, é? Achas que não aguentas?

O Bruno ignorou-o e começou a saltitar nas pontas dos pés, desferindo murros no ar, como um pugilista.

Quando a última lata de feijão ficou vazia, o Raul esfregou as mãos e o Bruno respirou fundo.

Chegara a hora da verdade.

A enorme taça de vidro estava cheia até acima com uma pilha de feijões vermelhos húmidos e escorregadios. O Raul tirou o relógio e pousou-o no muro.

O Bruno debruçou-se sobre a taça, de colher de pau em punho. De repente, parecia um bocadinho enjoado.

– Tens a certeza de que isto é boa ideia? – perguntou o Zé.

– Não te preocupes, Zé-Barnabé! – descansou-o o Bruno. – É canja!

De olhos semicerrados, o Raul fixou o relógio e ergueu o braço.

Houve um momento de silêncio sepulcral.

De súbito, o Raul baixou braço, berrando:

– *Vai!*

No mesmo instante, o Bruno atirou a colher de pau por cima do ombro e, mergulhando as duas mãos na taça, começou a enfiar na boca mancheias de feijão – fazia mais barulho a comer do que um T. Rex! Mastigou, trincou, sorveu, ao mesmo tempo que esmigalhava feijões entre os dedos, transformando-os numa papa bem mais fácil de engolir.

O sorriso maquiavélico do Raul começou a esmorecer lentamente quando se apercebeu do rumo que as coisas levavam – o irmão já ia a meio da taça, e nem sequer um minuto passara!

Nisto, o Bruno decidiu mudar de tática e mergulhou a cabeça inteira dentro da taça, tragando os feijões a uma velocidade ainda mais furiosa. Lembrava um porco a enfardar de uma gamela. Então, num último gesto triunfal, pegou na taça, despejou o resto do conteúdo na boca... e terminou!

O Zé pulava, dando vivas.

– Foi espetacular! – exclamou. – Nem posso acreditar que conseguiste! E ainda faltava um minuto inteiro!

O Bruno olhou para o irmão e lambeu os lábios, orgulhoso. Tinha a cara toda besuntada de sumo de feijão e o cabelo encharcado. Parecia que acabara de ser atacado por um bebé armado com um lápis vermelho. Depois, sorriu ao irmão, mostrando os dentes coloridos, e esfregou a barriga.

– Agora vais ter de comer aquilo que eu mandar! – disse, enquanto limpava do queixo o sumo oleoso dos feijões. – Venham comigo.

O Raul bateu com o pé, furioso, e seguiu o irmão pelo quintal. O Bruno parou na borda de um pequeno lago, com os punhos na cintura, em pose de super-homem. Às tantas, parecia estar prestes a mergulhar, mas depois limitou-se a apontar para a água.

– Um daqueles – disse.

O Raul e o Zé espreitaram para o lago e não viram nada.

– Daqueles quê? – perguntou o Raul.

– *Daqueles ali!* – repetiu o Bruno, num tom mais firme, apontando para o lago com o dedo ainda manchado de vermelho.

Os rapazes agacharam-se e olharam melhor.

Através da água turva, conseguiram ver uma nuvem de vermes de água doce, caracoleando e contorcendo-se, logo abaixo da superfície.

– Vermes?! – interrogou o Zé, horrorizado.

– Sim – respondeu o Bruno. – É isso que o meu maninho vai comer.

O Raul deu um salto para trás.

– Vermes?! – guinchou, em pânico, e ficando lívido.

– Exato! – confirmou o Bruno.

– Eu não vou comer nenhum verme! São nojentos e pegajosos!

O Bruno enfiou a mão no lago e peneirou a água com os dedos, como se usasse uma rede.

– Ah, isso é que vais – contrapôs, com firmeza. – Os vermes não estão fora de prazo e são totalmente comestíveis. Era essa a aposta.

– Mas os vermes não têm data de validade – protestou o Raul, virando costas num acesso de fúria explosivo. E pôs-se a andar de um lado para o outro, enquanto abanava a cabeça.

– Pois não! – disse o Bruno. – Por isso, não podem estar fora de prazo! Apanhei-te! – acrescentou, alto e bom som, e virou-se para o irmão segurando um verme escorregadio entre os dedos.

– Eu não vou comer isso! – vociferou o Raul.

O Bruno sacudiu a água aveludada da mão e dirigiu-se ao irmão.

– Então tens de me dar a *tua* semanada o resto do ano! Além disso, eu sou um vencedor e tu és um *frouxo*.

Estavam agora cara a cara.

– Mas tu não és um *frouxo*, pois não, Raul? – tornou o Bruno, com toda a calma.

O Raul não se moveu, fitando o irmão mais velho.

O Zé olhava para ambos de olhos arregalados, perguntando-se que diabos iria acontecer. Não era assim tão difícil imaginar o Raul a comer um verme, pensou o Zé. Ainda há pouco tempo, o vira, pela janela do quarto, a tirar um macaco engelhado do nariz e a engoli-lo como se fosse um morango madurinho.

Os dois irmãos olhavam fixamente um para o outro. O Zé observava-os, muito atento. A tensão no ar era de cortar à faca.

O Raul permaneceu calado por mais uns instantes e depois a expressão trágica no seu olhar começou a mudar. O Zé quase conseguia ver crescer dentro dele uma nova confiança e percebeu que o Raul jamais deixaria o irmão mais velho levar a melhor. O Bruno também pareceu reparar naquele olhar e um lampejo de dúvida trespassou o seu rosto. Estaria o irmão a fazer *bluff*?

Mas não estava. O Raul semicerrou os olhos e assentiu com a cabeça. Desafio

aceite!

O Bruno aproximou o punho do nariz do irmão e abriu a mão. Na sua palma, contorcia-se um verme comprido e viscoso. O Zé ficou com vômitos só de olhar para ele.

– Se o engolires inteiro, talvez não seja assim tão mau – sugeriu, num fio de voz, tentando dar algum apoio moral.

O Raul estava a olhar para o verme, como que hipnotizado por um feitiço.

– É agora ou nunca – disse-lhe, calmamente, o Bruno.

Num pestanejo, o Raul arrancou o verme carnudo da mão do irmão, inclinou a cabeça para trás e deixou-o cair na boca como um fio de esparquete.

A cauda sedosa do verme lampejou brevemente e desapareceu, ao som de um ruidoso *glup!*.

O Zé quase esperava que o Raul caísse redondo, vítima de envenenamento vérmico, mas isso não aconteceu. Ao invés, foi o Bruno quem acabou de joelhos no chão, dando murros na relva.

Subitamente, uma voz estridente ressoou no quintal.

– Ah, encontrei-vos, meus docinhos!

Os três rapazes ergueram os olhos. Diante deles, estava a mulher mais estranha que o Zé alguma vez vira.





## A FANÁTICA DO HULA HOOP

Era uma mulher magra como um poste de eletricidade, com um cabelão tipo capacete, vestida de licra néon da cabeça aos pés. Mas o mais estranho nem era o que ela vestia; era o que transportava. Tinha ambos os braços, desde os pulsos até aos ombros, carregados de *hula hoops* dos mais variados tamanhos e todos néon, a condizer com a indumentária – deviam ser centenas! Ela mal conseguia manter-se de pé, tal era o peso.

A senhora ficou parada no cimo das escadas, a olhar para eles, com um sorriso rasgado.

– É a vossa tia? – perguntou o Zé, pelo canto da boca.

– Sim, é – sussurrou o Raul.

A tia Nora desceu os degraus, arrastando consigo os *hula hoops* e, quando chegou ao fim, largou-os todos na relva. Depois, tirou os ténis cor-de-rosa néon e desatou a rodopiar pelo quintal, como se dançasse num sumptuoso baile.

– Ah, adoro o ar puro! – cantarolou. – Aqui fora há muito mais espaço. É o lugar perfeito para continuar o meu treino. Preciso de estar no topo das minhas capacidades atléticas. A vossa mãe contou-vos acerca do meu grande talento que bate todos os *records*, não contou?

Os rapazes olharam para ela, mudos de espanto. O único som que se ouviu foi o suave gorgolejo do estômago do Bruno.

A tia Nora fitou-os, expectante, até que o Zé não aguentou mais a pressão.

– É o *hula hoop*? – perguntou.

– Acertaste em cheio! Oh, é um espetáculo magnífico – sussurrou, entusiasmada. – Deixem-me fazer-vos uma demonstração. Será certamente um momento revelador.

O estômago do Bruno tornou a roncar. Desta feita, como o ribombar de um trovão distante.

Foi de boca aberta que os rapazes viram a tia Nora pegar na pilha de *hula hoops*, distribuí-los pelo corpo e desatar a girá-los todos ao mesmo tempo, que nem uma lunática. De repente, ficou envolta num turbilhão de arcos coloridos. Giravam

ao redor da sua cintura. Giravam ao redor dos seus braços. E, três deles, ao redor do pescoço!

– Ando a treinar há meses! – gritou, por entredentes cerrados. – Na verdade, é bastante revigorante!

O Zé não percebia bem se a senhora estava a gostar da experiência ou a morrer de dores. De fora, mais parecia uma tortura.

O seu corpo balançava, como um todo, para a frente e para trás, enquanto as suas ancas bamboleavam de um lado para o outro. Via-se que estava altamente concentrada e que levava o mundo do *hula hoop* muito a sério.

Aproximando-se deles, com os arcos sempre a girar, gritou:

– Estou a tentar bater o *record* mundial, meus queridos! Mais 30 arcos, e é meu!

Por aquela altura, sacudia-se descontroladamente. Foi quando o Zé viu que o Bruno estava agarrado à barriga, com uma expressão de sofrimento. As suas pernas torciam-se e contorciam-se, como se tentassem impedir alguma coisa de sair.

Das profundezas do corpo do Bruno veio, de repente, outro estrondo cavernoso, qual vulcão borbulhante prestes a entrar em erupção.

**BRRRRRRUM!**

Não houve nada que o travasse. Foi sem dúvida o pum mais poderoso que o Zé escutara na vida. Saiu tão alto, que todos os pássaros levantaram voo das árvores, em debandada, como que afugentados por uma sirene de nevoeiro.

A tia Nora parou de girar. Os arcos caíram ao chão e ela ergueu devagarinho as narinas no ar.

– Uuuuh! – A senhora estremeceu, franzindo o nariz de repulsa. – Tresanda como um animal em decomposição. Que grande PORCALHÃO!

O Bruno escangalhou-se a rir, e o Zé estava a fazer das tripas coração para não lhe seguir o exemplo quando reparou no Raul.

O coitado estava mesmo ao lado do irmão no momento da erupção e parecia bastante afetado. Aliás, ficara verde e abanava a mão em frente ao nariz, tentando desesperadamente afastar o terrível fedor.

– Sentes-te bem? – perguntou-lhe baixinho o Zé.

– Sinto – murmurou o Raul, aparentemente melhor.

Nisto, cambaleou para a frente, agarrado à barriga, e vomitou – mesmo em cima dos pés descalços da tia Nora.

Por instantes, o quintal mergulhou num silêncio absoluto.

Depois, os olhos da tia Nora começaram a tremelicar ao focarem o que se contorcia sobre os dedos dos seus pés ensopados de vomitado... um *verme*!

Horrorizada, a senhora agarrou-se ao pescoço com uma mão trémula, como se quisesse estrangular-se a si própria. Os rapazes começaram logo a recuar, pressentindo que algo de mau estava prestes a acontecer, mas não foram a tempo. De súbito, a tia Nora deu um pulo, como se uma bomba tivesse explodido debaixo dela, pontapeando o verme...

– Seus MONSTRINHOS NOJENTOS! – desatou a berrar, enojada. – Suas



PESTES IMUNDAS! Desapareçam-me da frente! Vão brincar para longe! Não quero pôr-vos mais a vista em cima!

Os rapazes pegaram na *Dóris*, que muito simpaticamente lambia o vomitado dos pés da tia Nora, e saíram disparados pelo portão das traseiras, gritando, por cima do ombro:

– Desculpe!



## A VELHA CASA ABANDONADA

– Não entendo porquê tanta escandaleira – disse o Raul, com um sorrisinho, enquanto se encaminhavam os três para o beco atrás dos quintais. – Nem sequer teve de o comer, como eu!

O dia estava a ficar quente e o Zé limpou o suor da nuca, tentando afastar da mente a imagem do verme contorcendo-se entre os dedos do pé da tia Nora. Nuvens delgadas passavam no céu, acima das suas cabeças, oferecendo-lhes uma sombra muito bem-vinda.

– Já te sentes melhor? – perguntou o Zé, não sabendo bem a qual dos irmãos se dirigia.

O Bruno esfregou a barriga e riu-se.

– Muito melhor, obrigado.

– O que é que vamos fazer agora? – perguntou o Raul.

– Nem acredito que fomos expulsos do nosso próprio quintal – resmungou o Bruno.

O Raul parou ao lado de uma escada de mão encostada a um muro alto, no lado oposto do beco. Atrás do muro, escondia-se uma velha casa abandonada, a tal que o Zé via da janela do quarto e que pertencera ao seu avô. Já estava vazia há algum tempo e, entretanto, fora completamente invadida por uma selva de hera.

O Raul olhou para o irmão e começou a desenhar-se no seu rosto um sorriso matreiro.

– Desafio-te a saltar o muro! – disse.

– Nem penses! – respondeu o Bruno. – Ouvi dizer que vivem lá fantasmas!

– Ou talvez ladrões! – sugeriu o Raul. – É o esconderijo da quadrilha até ao próximo golpe!

O Zé não tinha medo da velha casa. Parecia-lhe apenas deserta e triste. De repente, começou a crescer dentro dele um sentimento de bravura. Era uma ótima oportunidade de impressionar a parilha de irmãos.

– Eu vou! – declarou.

Os irmãos encararam-no, com expressões de profunda admiração. Nunca

ninguém olhara assim para ele, e isso encorajou-o ainda mais.

– Força, Zé-Barnabé! – incitou o Bruno, dando-lhe uma palmadinha no ombro.  
– Não te imaginava tão corajoso!

O Zé espreitou para a velha casa e respirou fundo. Já não tinha como recuar. E, antes que pudesse pensar duas vezes, trepou escada acima.

O que viu quando chegou ao topo, quase lhe cortou a respiração. Diante dele, estendia-se uma verdadeira selva – um jardim tão exuberante e vasto que parecia interminável.

Ao fundo, erguia-se a estranha casa. Não se parecia com nenhuma outra do monte. Os tijolos da fachada e as janelas mal se distinguiam, não havia nenhuma porta da rua à vista nem tão-pouco

uma chaminé ou uma antena a espreitar do topo. Tudo estava totalmente escondido sob um imenso emaranhado de trepadeiras, com os seus milhares e milhares de lustrosas folhas verdes entrelaçadas um milhão de vezes.

O Zé ficou um bocadinho triste ao ver a casa naquele estado, tão vazia e abandonada. Parou uns instantes no cimo da escada, à escuta, mas não ouviu nada.

– Vá, salta! – incentivou o Bruno, animado.

– Não sei se é boa ideia... – duvidou o Raul, com um leve tremor na voz.

– Estás com *medo*? – provocou o Bruno, acotovelando o irmão.

– N-não – respondeu o Raul.

Mas o Zé tinha de admitir que a atmosfera que rodeava a casa era um bocadinho fantasmagórica.

– Porque será que nunca ninguém a comprou? – pensou alto o Raul.

– Tu ias querer viver ali? – perguntou-lhe o Bruno.

O Raul matutou alguns segundos e, de repente, gritou:

– Se calhar, o dono morreu e o corpo ainda está lá dentro!

– O corpo? – troçou o Bruno.

– O *cadáver* – corrigiu o Raul, num tom sinistro. – Agora já deve ser um esqueleto podre.

– O meu avô foi a última pessoa que aqui viveu – garantiu o Zé. – Por isso, não há cadáveres nenhuns lá dentro. Acho que ficou neste estado e depois ninguém a quis comprar.

Aquela informação calou os dois irmãos.

– O que é que consegues ver? – pergun-tou o Raul.

– É... incrível – disse o Zé. – Parece uma selva.

O Bruno e o Raul entreolharam-se e galgaram a escada, ao encontro do Zé. Quando espreitaram por cima do muro, ficaram de boca aberta.

– Uau! – exclamou o Raul.

– Quem me dera que o nosso quintal fosse assim, selvagem! – disse o Bruno.

– Hum... não sei – ponderou o Raul. – Tem um ar horripilante.

– Então, Zé? Saltas ou não saltas? – perguntou o Bruno, dando-lhe uma palmada.

Mas, antes de o Zé responder, chegou-lhes do quintal dos Buckley um grito

estridente seguido de um chorrilho de latidos bem altos. Os rapazes olharam uns para os outros.

– Onde é que está a *Dóris*? – perguntou o Raul.

– TIREM ESTA RAFEIRA DE CIMA DE MIM! – ouviram-se os berros esganiçados da tia Nora.

– Aí tens a tua resposta – retorquiu o Bruno.

Os rapazes desceram tão depressa a escada que escorregaram nos últimos degraus e aterraram uns em cima dos outros, com um baque.

Levantaram-se os três de um pulo e correram de volta a casa, para descobrirem o motivo de tamanho alarido.

Quando irromperam no quintal, estacaram, alarmados. A tia Nora estava à luta com a *Dóris*! A cadela tinha abocanhado um dos *hula hoops*, e a louca da tia tentava desesperadamente arrancar-lho, sacolejando-a de um lado para o outro, com as patas traseiras a balouçar no ar.

Às tantas, a tia Nora começou a dar palmadas na *Dóris*, esperando afugentá-la, mas as mandíbulas do animal estavam cerradas com tanta força, que nem um pé-de-cabra conseguiria abri-las.

– Larga! LARGA! – gritava a senhora. – Ainda me partes o arco! Meninos! Tirem esta fera maldita de cima de mim!

O Zé aproximou-se da mulher enfurecida, perguntando-se se conseguiria convencer a *Dóris* a afastar-se, mas a cadela não estava disposta a largar o seu novo brinquedo. O Zé olhou para os irmãos Buckley, em busca de apoio, mas eles riam-se a bandeiras despregadas, não tendo, claramente, qualquer intenção de ajudar a tia, que era agora arrastada pelo relvado, de traseiro. O Zé deu um salto para se desviar do caminho, quando ela passou a deslizar, agitando os braços no ar.

– AJUDEM-ME! – gritava.

Nisto, o *hula hoop* partiu-se. A cadela e a tia voaram em direções opostas.

Tudo se aquietou no instante em que a tia Nora aterrou na relva, com um valente catrapus. O quintal mergulhou num silêncio sinistro. A tia Nora permaneceu estatelada de costas no meio do relvado, totalmente imóvel.

– Está tudo bem, tia? – perguntou o Raul, aproximando-se dela.

O Zé percebeu que ele estava a fazer um esforço tremendo para conter as gargalhadas. Parecia quase doloroso.

A tia Nora sentou-se e fitou primeiro o Raul, depois o Bruno e, por último, o Zé. Tinha o rosto inchado como um peixe-balão furioso e o cabelo completamente desgrenhado.



– Esta cadela... está *banida* da casa! – decretou, num tom perigosamente baixo, apontando um dedo trémulo para a *Dóris*. – Como é que ela se atreve a destruir o meu *hula hoop* favorito? É premiado! Não deixarei esta rafeira pulguenta arruinar as minhas hipóteses de bater o *record* mundial!

Os rapazes observavam-na, boquiabertos, enquanto ela recolhia os seus arcos, agora espalhados pelo quintal como se tivessem chovido do céu.

Em seguida, a tia Nora cambaleou até à porta das traseiras, ofegante, levando os *hula hoops* pendurados nos braços, e gritou:

– A cadela fica aí fora! Não a quero dentro de casa!

– Não pode fazer isso! – protestou o Raul.

– Eu posso fazer o que bem me apetecer! – ripostou a tia Nora, de olhos semicerrados. – E vocês os dois para o quarto! JÁ!

Os irmãos entreolharam-se, pasmados. Depois, foram ter com a *Dóris*, que mastigava alegremente o seu *hula hoop* de brincar, e fizeram-lhe uma festa na cabeça.

– Cadela bonita – disse o Bruno, entredentes. – Não vamos deixar-te aqui fora muito tempo, prometo-te.

E, encolhendo os ombros ao Zé, os dois irmãos dirigiram-se relutantemente para casa.



## HORA DE DEITAR

Era tarde quando os uivos começaram.

O Zé tinha acabado de descalçar as meias de se enfiar na cama.

O *Óscar*, o gato, ressonava como um velhote, debaixo do radiador do corredor, como de costume.

O rapaz estava deitado, iluminado pela luz reconfortante do candeeiro da mesinha de cabeceira, quando aquele som medonho ressoou no exterior – parecia um animal em sofrimento.

Não aguentou. Saltou da cama, foi até à janela e espreitou para o quintal dos Buckley.

No meio da escuridão, conseguiu distinguir a silhueta da *Dóris*. Estava amarrada a uma árvore, na extremidade mais distante do quintal, deitada, muito cabisbaixa, no chão. O Zé sentiu uma pena imensa da cadelita, ali sozinha, ao relento. Gostaria muito de a poder levar para sua casa, mas o *Óscar* jamais permitiria tal coisa.

– Nós vamos salvar-te, *Dóris*, não te preocupes – sussurrou o Zé, pela janela. Ainda não sabia como, mas havia de arranjar uma maneira.

Estava tão concentrado na desgraçada da *Dóris*, que nem ouviu os passos na escada e deu um pulo quando, de repente, a porta do quarto se abriu. Ao voltar-se, deparou com um longo vulto negro, parado na soleira. Era o pai, o Sr. Broom.

– Ah, como adoro uma boa sanduíche de compota – declarou o Sr. Broom, com um sorriso nos lábios e a boca cheia de migalhas.

– Olá, pai – cumprimentou o Zé, sorrindo de volta.

– Pensei que te encontraria a dormir – disse o Sr. Broom, entrando no quarto, com as suas botas pesadonas. – Vim ver se estava tudo bem. Tentei não fazer barulho.

O Sr. Broom engoliu a última dentada de sanduíche e foi juntar-se ao Zé, à janela.

– Que barulho horrível é este? – perguntou, quando a *Dóris* recomeçou a uivar.

– A tia do Bruno e do Raul veio passar uns dias com eles e acho que não gosta

muito de cães – explicou o Zé.

– Oh, não – riu-se o Sr. Broom. – Pobre animal.

Uma das coisas que o Zé mais gostava no pai era a gargalhada. Mesmo depois dos dias mais longos e difíceis, o pai tinha quase sempre um sorriso e uma piada para partilhar com ele. E, se não conseguisse sorrir com os lábios, sorria-lhe ternamente com o olhar.

– A sanduiche estava uma delícia, muito obrigado – agradeceu o Sr. Broom. – Não comi nada o dia inteiro.

Quando o Zé voltou para a cama, o pai arrastou para junto dele uma pequena cadeira de madeira e sentou-se.

– Nem ao almoço? – perguntou o Zé.

– Sabes como é o rabugento do Nettles – respondeu o pai, com um sorriso ténue. – Mas é meu patrão e paga-me, por isso eu aguento e cumpro as ordens. Nunca deixes o ressentimento impedir-te de fazer um bom trabalho, filho.

O Zé assentiu com a cabeça. Ouvia sempre com muita atenção os conselhos do pai.

– Como correu o teu primeiro dia de férias? – perguntou o Sr. Broom. E, inclinando-se para a frente, acrescentou: – Que traquinices andaste a fazer, hein?

– Nem imaginas o que aconteceu hoje, pai – respondeu o Zé, com uma expressão brincalhona.

E contou tudo acerca das apostas malucas dos irmãos Buckley e de como o Raul engolira um verme e depois o vomitara em cima dos pés da tia Nora.

O Sr. Broom recostou-se na cadeira, rindo-se a bom rir. Depois, lá tornou a endireitar-se, dando uma palmada nos joelhos.

– Parece que foi um dia em cheio, filho – disse, enxugando as lágrimas. – Tenho pena de não ter estado lá para ver.

O Zé permaneceu uns instantes em silêncio, pensando na velha casa abandonada.

– Muito bem – disse o Sr. Broom, espreguiçando-se. – Acho que está na hora de dormirmos qualquer coisita.

Deu um beijo de boa noite ao filho e já ia a caminho da porta, quando o Zé lhe perguntou:

– O que é que aconteceu à antiga casa do avô?

O Sr. Broom deteve-se e voltou-se.

– Porque é que ninguém a comprou? – acrescentou o Zé.

– Não faço ideia – respondeu o Sr. Broom, com toda a calma. – E agora não deve estar em condições para ser habitada.

– Mas porque é que nunca viveu lá ninguém depois do avô?

Houve outra pausa.

– Bom, era uma casa velha e estranha e o teu avô também era um velho estranho.

– Estranho, como? – perguntou o Zé.

– Não sei, Zé. Simplesmente, estranho – suspirou o pai. – Vá, já é tarde. Toca a

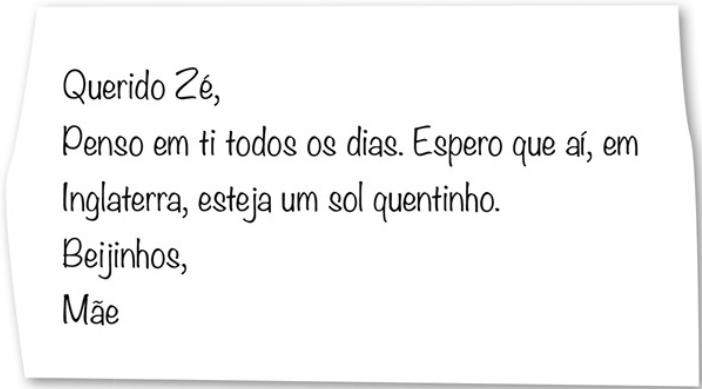
dormir.

O Zé queria saber mais, mas tinha noção de que o pai trabalhava muito e devia estar cansado. Por isso, não insistiu.

– Boa noite, Zé – despediu-se o Sr. Broom. – Ah, viste o postal? Deixei-o no teu banquinho – acrescentou, antes de fechar a porta, com gentileza.

O Zé estendeu a mão e segurou o postal da mãe, à luz do candeeiro.

Na parte da frente, via-se uma imagem da Torre Eiffel, em Paris. O Zé voltou-o e analisou o texto no verso. Era dirigido a ele e dizia:



Querido Zé,  
Penso em ti todos os dias. Espero que aí, em  
Inglaterra, esteja um sol quentinho.  
Beijinhos,  
Mãe

O Zé beijou as palavras manuscritas, pousou de novo o postal no banquinho e desligou o candeeiro.

Ainda ficou algum tempo a pensar na velha casa abandonada, ao som dos uivos distantes da *Dóris*, até que o sono chegou, por fim.





## PLANOS NOTURNOS

No dia seguinte, quando o Zé desceu para a cozinha e ligou o rádio, as notícias estavam ao rubro com a aproximação de uma grande tempestade. Vinha algures do Atlântico Norte trazendo consigo um mês de chuva num só.

«Coitadinha da *Dóris*», pensou o Zé, voltando ao quarto, para se vestir.

Depois, decidiu ir à casa do lado, ver como é que o Bruno e o Raul se estavam a dar com a tia Nora.

Entretanto, os uivos tinham cessado, assim como a chuva, mas se vinha lá uma grande tempestade, não podiam deixar a *Dóris* no quintal, muito menos sozinha. O Zé sabia o quanto os trovões e os relâmpagos assustavam os animais.

Mal saltou o murete que separava os dois jardins dianteiros, deparou-se com uma cena estranhíssima.

Em frente à casa dos amigos, havia uma enorme pilha de móveis – cadeiras, mesas... e até um sofá! –, todos amontoados uns em cima dos outros.

«Talvez o Bruno e o Raul estejam a construir um acampamento», ponderou o Zé. Se calhar, tinham decidido mudar-se para o jardim, para se livrarem da tia...

Saltando por cima de um candeeiro de pé caído no chão, bateu à porta.

Passados uns bons minutos, alguém abriu e uma mão puxou-o para dentro. Antes que conseguisse reagir, o Bruno arrastou-o escada acima e empurrou-o para o seu quarto. O Raul estava sentado na cama do irmão, muito desanimado.

– O que é que se passa? – perguntou o Zé.

– Chiiiiu! – ordenou o Bruno, com o dedo nos lábios.

Desviando o Zé do seu caminho, dirigiu-se a uma cómoda grande, arrastou-a pela alcatifa e encostou-a firmemente contra a porta. Só depois tornou a encarar o Zé.

– Temos de fazer alguma coisa! – sussurrou.

– O que é que aconteceu? – perguntou o Zé desorientado. – Porque é que a vossa mobília está no jardim?

– A mulher é maluca! – disse o Bruno, andando de um lado para o outro. – Pôs os nossos móveis todos lá fora só para ter mais espaço para treinar a porcaria do *hula hoop*! Ela apoderou-se da casa!

– E não deixa a *Dóris* cá entrar – resmungou o Raul.

O Zé estava sem palavras.

– Mas... não podem fazer nada? Tipo, telefonar aos vossos pais, ou assim?

– Ah, claro – respondeu o Bruno, fulminando-o com o olhar. – Excelente ideia. Assim, arranjamos problemas com os nossos pais também, por termos chateado a nossa tia. Não, temos de resolver isto *sozinhos*. – Estalou os nós dos dedos e recomeçou a andar, inquieto, ao redor do quarto.

– A doida até a televisão pôs lá fora! – exclamou o Raul, amuado.

– Se quiserem, podem ver televisão na minha casa – convidou o Zé, hesitante.

– Esquece a televisão! – disse o Bruno. – A primeira coisa que precisamos de fazer é arranjar um lugar seguro para a *Dóris* ficar.

– Continua amarrada lá fora? – perguntou o Zé, indo até à janela.

E lá estava a cadela, presa a uma árvore, com um ar muito solitário e desamparado.

– Ela está bem, por enquanto – declarou o Bruno, baixinho. – Logo de manhãzinha, esgueirei-me de casa e dei-lhe comida. Mas temos de encontrar um sítio para ela ficar antes de a tempestade chegar.

– O que é que vamos fazer?

Os três rapazes ponderaram as suas opções em silêncio.

– Não podemos levá-la para tua casa? – perguntou o Raul, esperançoso.

– Desculpa, mas não – respondeu o Zé, para sua tristeza. – O meu gato se apanhasse arrancava-lhe os olhos.

Fizeram outra vez silêncio. O Zé não conseguiu ficar indiferente ao olhar desesperado dos dois irmãos, vendo-os dar voltas e voltas à cabeça em busca de uma solução. Detestava ver os amigos naquele estado.

O Zé tornou a espreitar pela janela. Já se formavam no céu espessas nuvens cinzentas. Eram tão baixas que quase se lhes podia tocar e os telhados das casas começavam a desaparecer. Ao longe, para além do muro do quintal dos Buckley, o Zé conseguia ver o topo da velha casa abandonada, com as nuvens a caracolear em volta da hera. De súbito, teve uma ideia maravilhosamente brilhante. Além de destravada.

– Hum, já sei o que podemos fazer – disse, meio hesitante. – Levar a *Dóris* para a casa abandonada.

A princípio, ficaram os três calados, ponderando a sugestão.

– É isso mesmo, Zé-Barnabé! – declarou o Bruno, com um sorriso a despontar-lhe no rosto. – Levamo-la para lá às escondidas. É perfeito! Nem precisamos de ficar lá muito tempo. Pelo menos, assim ela não apanha chuva.

Havia, sem dúvida, algo de assustador na velha casa abandonada – só a ideia de lá entrar, deixava o Zé arrepiado. Mas tinha de admitir que o plano também era um niquinho emocionante. De qualquer maneira, não podiam continuar de braços cruzados e deixar a pobre *Dóris* passar mais uma noite fria sozinha, ao relento.

– Resta saber como é que entramos – matutou o Bruno, coçando a cabeça, pensativo, e despenteando o cabelo todo. – Usamos outra vez a escada de mão para saltar o muro?

O Zé analisou o assunto. Apesar de a casa estar abandonada, isso não lhes dava o direito de a invadirem, e também não lhes convinha serem apanhados em

flagrante por algum vizinho abelhudo – ou, pior, pela tia Nora.

– Temos de ir à noite, para ninguém nos ver – concluiu, com um suspiro.

O Raul não pareceu muito convencido, mas o Bruno assentiu com a cabeça.

– Vamos hoje à noite, depois de a tia Nora adormecer.

– Eu também posso escapulir-me quando o meu pai se deitar – disse o Zé.

– OK! A que horas é que nos encontramos?

O Zé pensou uns instantes e, encolhendo os ombros, sugeriu:

– À meia-noite?

– Perfeito! – concordou o Bruno, com um soco no ar. – À meia-noite, então!



## NA CALADA DA NOITE

Os seres humanos conseguem fazer coisas mirabolantes e, às vezes, até a mais tímida e cautelosa das pessoas pode ter um ato de extraordinária coragem.

Infelizmente, ao chegar a meia-noite, o Zé já não se sentia tão corajoso como naquela manhã. Na verdade, se lhe perguntassem por que carga de água se lembrara de invadir uma casa escura e deserta, a meio da noite, ele, por certo, não saberia explicar. Contudo há momentos na vida em que precisamos de ser destemidos e enfrentar de peito aberto o desconhecido – e aquele era um desses momentos.

Com um nó no estômago, o Zé deslizou da cama e desceu a escada em biquinhos de pés. Vestiu o casaco por cima do pijama, calçou cautelosamente os primeiros sapatos que encontrou e parou uns dez segundos à escuta. Teria acordado o pai? Mas não ouviu o mínimo ruído na casa e escapuliu-se sorrateiramente pela porta das traseiras.

A noite estava fria e muito silenciosa.

A lua brilhava intensamente como uma lanterna gigantesca no céu noturno, fazendo com que tudo parecesse pálido e prateado. Não havia um único carro a passar na estrada nem passos a calcorrear o monte.

O Zé correu até ao fundo do jardim, o mais depressa que pôde. Quando chegou ao portão que dava acesso ao beco, voltou-se e olhou para a sua casa.

Nenhuma luz se acendeu. Consequira! Escapulira-se na calada da noite, sem acordar o pai.

Nunca tendo saído sozinho àquela hora tardia, o Zé sentiu um nervoso miudinho a saltitar-lhe no estômago como uma bola de *pinball*. Mas, quando empurrou o portão e se esgueirou pela fresta, foi percorrido por um calafrio de entusiasmo.

Não havia nenhum candeeiro de rua ao longo daquele beco sossegado e as janelas das casas, cujos quintais davam para as traseiras não passavam de retângulos negros. Todos os moradores do monte estavam a dormir, e o Zé sentia-se o único rapaz no mundo.

Perscrutou a escuridão, mas ainda não havia sinal do Bruno e do Raul. De repente, foi assaltado por uma visão terrível da tia Nora a trancá-los dentro de casa e a esconder a chave.

Eis senão quando ouviu um barulho.

Era um suave tilintar.

O Zé identificou-o logo.

Era o som do guizo da coleira da *Dóris*.

Passado um instante, conseguiu distinguir, de entre as longas sombras negras, a silhueta da cadelita a sair pelo portão dos Buckley. Mesmo naquela escuridão, percebeu que vinha a abanar a cauda. A *Dóris* correu direita ao Zé e enroscou-se nas suas pernas. Quando ele se ajoelhou, com um sorriso, ela saltou-lhe para cima e lambeu-lhe o queixo. O Zé afagou-lhe gentilmente o pelo, procurando acalmar os latidos de alegria, mas a *Dóris* estava demasiado emocionada.

– Chiu, *Dóris* – sussurrou o Zé. – Assim, ainda somos apanhados!

Ouviu, então, um som abafado de vozes e, logo em seguida, o Bruno e o Raul saíram também pelo portão. Vinham a tagarelar e a discutir um com o outro, sussurrando não muito baixo.

– Ótimo! – murmurou o Bruno, quando viu o Zé. – Já cá estás!

O Zé cumprimentou-os com um aceno de cabeça e levantou-se, sacudindo dos joelhos a poeira do beco.

A excitação da *Dóris* era agora tal que não parava de pular para cima ora de um, ora de outro, com as patas molhadas.

– Então? – sussurrou o Zé. – Vamos a isto? – Esperava que na sua voz transparecesse mais coragem do que a que sentia.

Os três rapazes viraram-se ao mesmo tempo e espreitaram para a velha casa abandonada. À luz do luar, a hera que cobria não só as paredes, mas também o muro ao fundo do beco, parecia quase viva, rastejando na direção deles.

– 'Bora lá! – exclamou o Bruno, com um olhar determinado. Mas, passado um instante, perguntou: – Eh... onde está a escada?

– Alguém a levou! – concluiu o Raul, procurando em volta. – Bom, é melhor voltarmos para a cama... – O que não aparentava desagradar-lhe nada.

– Deve haver algures um portão – disse o Zé.

Parecia-lhe bastante óbvio. Se a sua casa tinha um portão no quintal das traseiras e a dos Buckley também, então a velha casa abandonada – cujo jardim ficava em frente aos deles, no lado oposto do beco – também devia ter.

– Provavelmente está escondido atrás das folhas – continuou o Zé.

Os rapazes decidiram examinar o muro, Tateando em busca de um sinal do dito portão.

– Bingo! – Ouviu-se, mais adiante, a voz do Bruno.

O Zé e o Raul correram ao seu encontro.

E lá estava, por baixo da hera, uma superfície dura e fria.

– É metal! – concluiu o Zé, antes de começarem os três a arrancar os ramos grossos da trepadeira para desimpedirem o caminho, enquanto a *Dóris* farejava e esgaravatava o solo, como se estivesse desesperada por entrar.

Quando terminaram, deram por eles diante de um portão de ferro enferrujado.

O Zé espreitou por entre as grades, mas não se via quase nada. Nisto, a *Dóris* entrou disparada.

– Espera! – gritou o Bruno, aflito, mas a cadela já desaparecera, engolida pela escuridão.

– Agora temos mesmo de entrar – disse o Zé.

Procurou o trinco do velho portão, mas não encontrou e experimentou empurrá-lo. Para sua grande surpresa, o portão abriu-se, com um sonoro rangido.

O Bruno e o Raul deram, instintivamente, um salto para trás.

– E se estiver assombrada...? – sussurrou o Raul, parecendo apavorado.

– Os fantasmas não nos podem fazer mal – disse-lhe o Bruno. – Nem sequer conseguem tocar-nos, lembrás-te? As mãos deles passam através das pessoas...

– Já, mas podem *atirar-nos* coisas, como aqueles *poltergeists*!

– Como é que *atiram coisas* se não conseguem pegar nelas...? – argumentou o Bruno.

Entretanto, o Zé já deixara de ouvir a discussão dos irmãos. Estava totalmente focado no que se via diante deles. Do outro lado do portão havia um caminho – mais precisamente, um *túnel* de inimaginável escuridão. Ali, a hera parecia brotar do chão e crescer em arco, formando uma galeria.

O Zé deu um passo hesitante em frente. No mesmo instante, os pelos da sua nuca eriçaram-se de entusiasmo. Não fazia ideia do que os esperava no fim daquele túnel, mas a promessa de aventura puxava-o como um poderoso íman, e ele enveredou, devagarinho, pela abertura.

Com uma mão esticada à sua frente, o Zé foi caminhando, às cegas, até que as pontas dos seus dedos tocaram em algo. Madeira.

Era uma porta.

Com um calafrio de emoção, bateu a superfície, procurando o puxador, mas não teve sorte.

Tal como fizera ao portão, o Zé experimentou empurrá-la e, à segunda, a porta abriu-se calmamente. Uma luz ténue, vinda algures do interior, iluminava a estreita escada que subia desde a soleira e, quando os olhos do Zé se ajustaram à penumbra, a sua boca abriu-se de espanto.

Aquilo com que se deparou era extraordinário.

O que se estendia à sua frente era exatamente igual ao que ele deixara para trás: uma floresta cerrada e infindável de hera – a diferença era que aquela crescera *dentro da casa*.

A vegetação ocupava tudo em volta. Trepava pelas paredes da escada e cobria o teto de um lado ao outro. Quando o Zé entrou no enorme salão no topo dos degraus, viu o que deviam ter sido outrora móveis – uma mesinha de apoio, um aparador, talvez uma poltrona – todos enrolados em folhas verdes. Qualquer vestígio da vida que ali se levava fora engolido por aquele matagal selvagem e assombroso.

O Zé ouvia o Bruno e o Raul na entrada, debatendo se deviam ou não subir, mas os seus pés continuaram a caminhar por conta própria. Ele nunca vira nada como aquele jardim secreto – uma floresta exuberante, enclausurada entre as paredes de uma casa. Sentia-se, em parte, apreensivo e talvez um bocadinho

assustado. Parecia-lhe tudo tão estranho e irreal e tão distante do mundo que conhecia. Mas não podia negar que também era emocionante – como se tivesse descoberto algo intocado e escondido do resto do mundo.

Ao atravessar o salão a caminho de uma segunda escada em caracol, passou suavemente a mão sobre as folhas. Eram macias e secas ao toque. O Zé sorriu e olhou para cima, maravilhado. De facto, nunca vira nada tão magnífico.

O Zé subiu a escada que espiralava até ao andar de cima, como que hipnotizado pela beleza ao seu redor. Olhando para os degraus, notou que estavam protegidos por um tapete de musgo verde, salpicado de minúsculas flores amarelas.

A escada levou-o a uma sala tenuemente iluminada, que parecia inclinada para um lado. As paredes estavam também cobertas de hera, mas, num dos cantos, destacava-se algo intocado pelas trepadeiras. Algo *novo*, apercebeu-se o Zé, com um arrepio – uma panela, pousada num fogão a lenha.

O Zé aproximou-se da panela fumegante e sentiu o aroma que libertava. Era de leite quente.

Mas, antes que ele conseguisse interpretar aquela cena, uma trepadeira retorcida vinda do nada enganchou-se em volta do seu tornozelo e, com um puxão brusco, fê-lo tropeçar e estatelar-se de costas no meio do chão. O desgraçado nem teve tempo de gritar, porque, logo em seguida, sentiu outro puxão no tornozelo e ficou pendurado de pernas para o ar, voando disparado em direção ao teto. Uma amálgama de imagens desfocadas zuniu diante dos seus olhos, enquanto cortava o ar a uma velocidade alucinante.

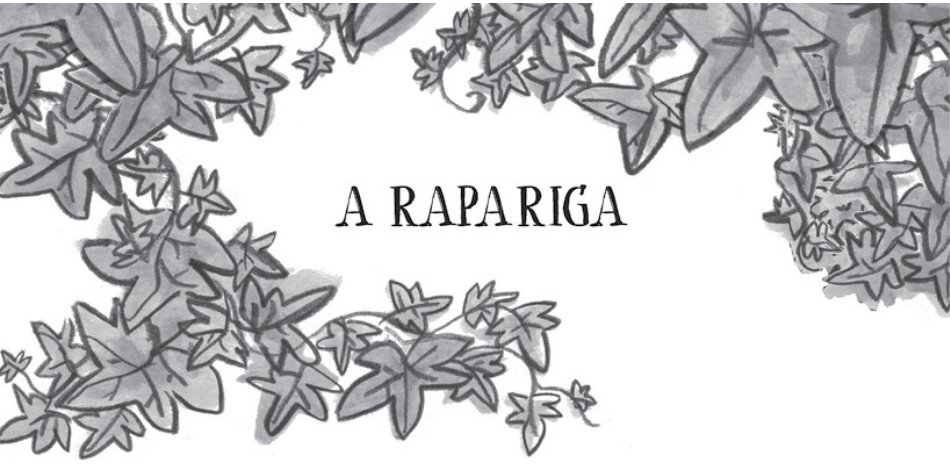
Quando, para seu horror, pensava que ia esborrachar-se contra o teto, passou que nem uma bala por um enorme buraco no chão do andar de cima e continuou a subir, cada vez mais alto, como se estivesse prestes a ser lançado do telhado, rumo ao céu estrelado. Eis senão quando, a trepadeira parou abruptamente o seu movimento ascendente, dando um valente sacão ao Zé e deixando-o a balouçar nas alturas como uma mosca recém-capturada.

O Zé bem esperneou e se contorceu, tentando livrar-se das garras da trepadeira, mas não adiantou de nada. A hera tinha-o bem aprisionado, como a tudo o resto na casa. E ele ali ficou, pendurado e indefeso, a balouçar de um lado para o outro. Até que, lentamente, o movimento foi cessando e o mundo à sua volta se aquietou.

Nisto, uma imagem começou a tomar forma diante dele. Alguém ou algo vinha na sua direção.

Se aquela armadilha fosse uma teia, e o Zé uma mosca, a aranha estaria naquele preciso momento a olhá-lo diretamente nos olhos. Mas não era uma aranha.

Era uma rapariga.

A decorative border of stylized leaves and small flowers frames the top and sides of the page. The leaves are drawn with simple outlines and some shading, giving them a hand-drawn appearance. The flowers are small and delicate, interspersed among the foliage.

# A RAPARIGA





Dois enormes olhos, da cor de esmeraldas cristalinas, fitavam os do Zé.

O Zé sentiu um grito de terror a arranhar-lhe a garganta, mas, antes que o deixasse escapar, uma pequena mão tapou-lhe a boca.

E assim permaneceram por uns instantes, olhos nos olhos, mão na boca, com o Zé ainda pendurado de pernas para o ar, tal qual uma marioneta. Para além dos olhos verdes, ele via agora que a rapariga tinha uma trunfa de cabelo cor de laranja vivo, semelhante a um ninho de pássaros gigante, e uma tez pálida sarapintada de minúsculas sardas. O Zé viu-se obrigado a admitir que não parecia assim tão assustadora.

– Prometes que não gritas? – perguntou-lhe ela, de olhos semicerrados.

Ele assentiu com a cabeça e a miúda tirou lentamente a mão da boca dele.

– Q-quem és tu? – gaguejou o Zé. – Que lugar é este?

A rapariga franziu o sobrolho e inclinou a cabeça.

– Porque é que havia de te dizer? Não percebes que isto é um acampamento secreto? – perguntou-lhe.

Havia um espaço enorme entre os seus dois dentes da frente, como se tivesse passado entre eles uma bola de bólingue.

– Só é permitida a entrada a membros – acrescentou. – E, como eu sou o único membro, isso torna-te um *intruso*! Tu és o quê? Um ladrão, ou assim?

O Zé olhava para a rapariga com uma expressão de absoluta confusão.

– Desembucha, intruso! – irritou-se ela, agarrando-o pelo colarinho e puxando-o até os seus narizes se encontrarem.

– Eu s-sou só um miúdo... – respondeu o Zé, muito nervoso.

– Um miúdo? – perguntou ela, desconfiada. – Bom, pareces o tipo de miúdo que eu comeria ao pequeno-almoço. Por falar nisso: estou esfomeada! – anunciou, dando um puxão na trepadeira em volta do tornozelo do prisioneiro.

A laçada afrouxou imediatamente, e o Zé caiu, desamparado, de uma altura de cerca de um metro.

– Ei! – gritou ele, zangado, esfregando o sim-senhor.

Estava a tentar pôr-se de pé, quando a miúda se agarrou à trepadeira e – *ZUUUM!* – saltou pelo buraco no chão. O Zé correu a espreitar para o andar de baixo e viu-a, toda empertigada, junto à panela, com um sorriso de orelha a orelha.

– Não há escada entre estes dois andares? – perguntou o Zé. Como diabos ia descer dali?

– Anda lá! – chamou a rapariga. – Não sejas uma seca!

– Mas como é que eu faço? – gritou o Zé.

– Faz como eu! – limitou-se a responder ela. – Agarras-te à trepadeira e pronto.

O Zé fechou os olhos com toda a força, agarrou-se à trepadeira e – *ZUUUM!* – lá foi ele atrás dela.

Desceu a uma velocidade brutal e, num pestanejo, o seu corpo embateu no chão e rebolou. Meio enjoado, o Zé sentou-se, abanando a cabeça. Quando se recompôs, a rapariga desaparecera.

– Não foi divertido? – Veio uma voz, algures de cima.

O Zé levantou a cabeça e descobriu a rapariga empoleirada noutra ramo de hera, a oscilar para a frente e para trás, como se estivesse num balouço.

Esfregou os olhos e olhou em volta da sala, atordoado. No canto oposto ao da panela de leite fervilhante, viu uma espécie de tenda feita de lençóis amarrotados, de várias cores, sustentada por outra trepadeira que pendia do teto. Pilhas de livros empoeirados prendiam os cantos e uma pena cinzenta e afilada projetava-se do topo como uma bandeira.

A miúda observava-o do seu balouço improvisado. Agora que o Zé já não estava de pernas para o ar, conseguia finalmente vê-la como deve ser.

Olhando assim para ela, dava-lhe a impressão de que fora abandonada por toda a humanidade. Tinha a cara enfarruscada e usava roupas coçadas, vários números acima do seu.

– Desculpa, mas quem és tu? – perguntou o Zé, educadamente.

– Na verdade, não sei – disse a rapariga.

– Mas qual é o teu nome?

A rapariga tornou a pensar, desta feita fechando um olho com força.

– Não tenho nenhum desses.

– Não tens nome? – interrogou o Zé. – Não pode ser. Toda a gente tem um.

– Mas eu não consigo lembrar-me do meu – respondeu ela, como se nada fosse.  
– É muito irritante.

O Zé nunca conhecera ninguém que não se lembrasse do próprio nome.

– Onde é que estão os teus pais? – questionou-lhe.

– Pais...? – murmurou a miúda, para si mesma, como se tentasse lembrar-se de onde os deixara.

– Nã! Também não tenho disso. Espera! Eu *tenho* um pai! Algures. Acho eu.

E então, quando os nervos do Zé começavam a acalmar, a rapariga saltou do balouço e aterrou, com um baque, mesmo diante dele. Inclinou-se para a frente, olhando-o nos olhos.

– Não o viste, pois não?

– Não – disse o Zé, com os olhos muito arregalados. – Nem sei como é que é o teu pai.

– Hum... – matutou a rapariga. – Ele deve estar algures por aqui, mas ainda não o encontrei.

De súbito, ouviu-se um suave roçar de folhas. A miúda girou instantaneamente nos calcanhares e ergueu os punhos, pronta para um duelo.

Sem desviar os olhos da escada que subia da entrada, pôs-se à frente do Zé, como se quisesse protegê-lo.

– Não te preocupes, acho que sei quem é – afirmou ele, quando surgiram dois vultos.

Eram o Bruno e o Raul, que ficaram petrificados no topo da escada, olhando, desconfiados, ora para o Zé, ora para a rapariga. O Zé não conteve um sorriso: era óbvio que os dois irmãos não sabiam o que pensar daquela estranha miúda, com o seu cabelão revoltado e roupas esquisitas; olhavam-na como se tivessem acabado de

descobrir uma nova espécie.

– Estes são os meus amigos Bruno e Raul – apresentou o Zé.

O Bruno e o Raul resmonearam um olá.

– E esta é... – O Zé olhou para a miúda, que se limitou a encolher os ombros. – Ela não se lembra.

– Não se lembra de quê? – perguntou o Raul.

– Do nome – disse o Zé.

O Bruno e o Raul franziram o sobrolho, confusos. Mas, antes que conseguissem interrogá-la, a *Dóris* correu escada acima e irrompeu na sala.

– Boa, *Dóris*! – exclamou o Bruno, fazendo-lhe uma festa quando ela correu para ele, antes de saltar para o Raul e, depois, para o Zé, que lhe deu uma boa coçadela debaixo do queixo.

– Que animal é este? – sussurrou a rapariga, de olhos esbugalhados.

Os três rapazes entreolharam-se.

– Eh... é um cão – respondeu o Raul, achando tudo aquilo muito estranho.

– Ah, fantástico! – gritou a rapariga. – Já li sobre eles. É suposto serem muito amigáveis, não é?

– Nunca viste um cão antes? – perguntou o Bruno, desconfiado.

– *Acho* que não – retorquiu a rapariga. – Pelo menos, não me lembro disso.

E, inclinando a cabeça, perguntou:

– Os cães gostam de leite?

– Sim, adoram! – declarou o Raul. – Os cães são como eu: comem quase tudo.

– Eu também adoro leite! – disse a rapariga, enquanto se dirigia à panela.

Pegando numa colher, deitou um bocadinho de leite num pires e pousou-o no chão para a *Dóris*, que lambeu tudo em menos de um fósforo. – Costumo beber todas as noites, ao pequeno-almoço. Sabe-me mesmo bem e dá-me energia.

Os rapazes trocaram outro olhar.

– Desculpa – interveio o Zé –, debes querer dizer que o bebes todas *as manhãs*, ao pequeno-almoço.

– Pequeno-almoço de manhã?! – riu-se a rapariga, como se fosse uma excelente piada. – Não posso tomar o pequeno-almoço de manhã. As manhãs são para dormir.

Os rapazes olhavam para ela, estupefactos.

– Deixa-me ver se entendi – disse o Bruno, fitando-a com desconfiança. – Passas a noite inteira acordada e dormes durante o dia?

– Claro! – confirmou a rapariga. – Não é isso que vocês fazem?

O Zé procurou na expressão dela algum indício de que estivesse a gozar com eles, mas pareceu-lhe absolutamente sincera.

– Não, isso é uma parvoíce! – ripostou o Raul.

– Nós fazemos exatamente o contrário – acrescentou o Zé, com mais delicadeza. – Nós dormimos durante a noite e ficamos acordados durante o dia.

O Raul bocejou e esfregou os olhos. Já era muito tarde e todas as emoções do dia começavam a deixá-los de rastos.

A rapariga olhou para ele, com uma expressão de censura.

– Acho que vocês não estão preparados para pertencer a este bando – declarou, com firmeza.

– Bando? – repetiu o Bruno. – Que bando?

– O *meu* bando – esclareceu a rapariga. – É um bando secreto, só para detetives. Não pode ter membros ensonados e molengões, como vocês, percebem?

Estava agora a andar de um lado para o outro, com os braços atrás das costas, qual general preparando os seus soldados para uma grande batalha.

– Preciso que estejam frescos que nem alfaces, se quero resolver o mistério.

– Qual mistério? – perguntou o Bruno.

A rapariga olhou para ele, completamente em branco. Depois, olhou para o Zé, como que pedindo ajuda.

– Será o mistério de descobrir onde está o teu pai...?

– *Sim!* – exclamou a rapariga.

– E de saber qual é o teu nome? – acrescentou o Raul.

– Ah, sim, isso também! – disse a rapariga, animada.

– Eh... não estamos a esquecer-nos do mistério *principal*? – perguntou o Bruno. – Por acaso, já olhaste bem para este sítio ultimamente?

A rapariga observou o espaço à sua volta, como se o visse pela primeira vez.

– É um bocadinho estranho, não é? – disse ela. – Mais uma razão! De certeza que percebem porque é que eu preciso de resolver estes mistérios – continuou, recuperando o seu tom combativo. – Eu tenho de descobrir quem sou e onde está o meu pai, para podermos voltar para casa juntos.

– Então esta não é a tua casa? – perguntou o Zé.

– Não sei – respondeu a rapariga, encolhendo os ombros. – Talvez.

Por momentos, o Zé achou-a um bocadinho triste, mas ela depressa se recompôs e fitou-os, um a um, dizendo:

– Bom, eu deixo-vos entrar para o bando se prometerem ajudar-me. Entendido?

– Claro que te ajudamos – garantiu o Zé, sem hesitar. – Não ajudamos? – perguntou ao Bruno e ao Raul.

O Raul assentiu solenemente com a cabeça, sem proferir uma palavra. Mas o Bruno limitou-se a fitar, de volta, a rapariga.

– Só te ajudamos, se tu tomares conta da *Dóris* – declarou, resoluta.

A rapariga ficou a olhar para ele, batendo com o dedo no lábio inferior. Depois, fez-lhe sinal para prosseguir.

– A minha tia tem sido horrível para ela – contou o Bruno, arrastando os pés no chão. – Deixou-a presa a uma árvore, no quintal, sem comida nem água, e proibiu-a de entrar em casa. Por isso, ela tem estado sozinha, lá fora. Nós prometemos ajudar-te a resolver o teu mistério, se tu prometeres dar abrigo à *Dóris*. Só por uns dias, até podermos levá-la para casa.

O Bruno não encarou a rapariga até terminar e só nessa altura é que se apercebeu de que ela tinha os olhos marejados de lágrimas.

Mas o Zé observava-a desde o início, fascinado, vendo-a a tentar controlar as

emoções que transpareciam no seu rosto.

– Eu tomo conta da *Dóris* – afirmou, atrapalhada, enxugando uma lágrima. – Ninguém devia ser obrigado a estar sozinho. Ela pode ficar aqui o tempo que quiser.

O Zé sentiu-se sensibilizado, imaginando que ela provavelmente se identificava com a *Dóris*, por também estar sozinha. Ele próprio sabia bem o que isso era.

Notou, então, que os irmãos Buckley também tinham ficado tocados pelas palavras da rapariga. Afinal de contas, não era todos os dias que testemunhavam um ato de pura generosidade da parte de uma perfeita estranha.

– Obrigado – agradeceu o Raul, baixinho.

O Zé achava que nunca o vira ser tão bem-educado.

– Ouviste, *Dóris*? – gritou o Bruno à cadelinha, desgrendando-lhe o pelo quando ela se aproximou. – Não tens de dormir mais no quintal. Vais estar em segurança quando a tempestade chegar.

Um olhar estranho e distante apoderou-se do rosto da rapariga.

– Quando a tempestade chegar... – sussurrou, como que perdida nos seus pensamentos.

– Eh... sim – disse o Zé. – Aparentemente, há uma...

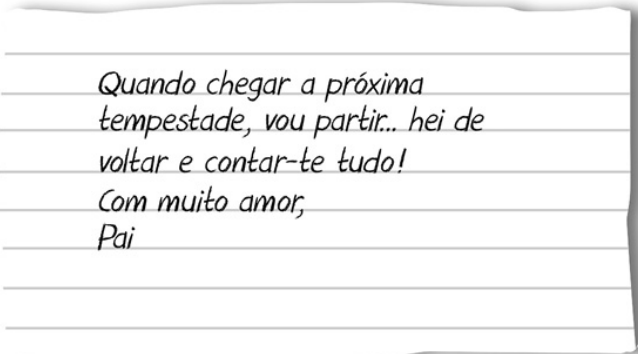
– Quando a tempestade chegar! – repetiu ela, arregalando os olhos. – É isso! O meu pai partiu quando a tempestade chegou!

Depois tirou lentamente um pedacinho de papel do bolso. Era tão fino e delicado, que o Zé apostava que bastaria soprar-lhe para ele se esfarelar como que consumido pelas chamas.

A rapariga desdobrou-o, e eles juntaram-se os três atrás dela, espreitando por cima do seu ombro. Ela segurou a mensagem de forma a que todos a vissem bem.

O Zé sentiu o coração a bater cada vez mais rápido.

A letra era pequenina, desleixada e toda inclinada para um lado. A rapariga leu em voz alta:



*Quando chegar a próxima  
tempestade, vou partir... hei de  
voltar e contar-te tudo!  
Com muito amor,  
Pai*

– Uau! – exclamou o Bruno. – Onde é que achas que ele foi? Será que tem medo de tempestades?

– A *Dóris* tem medo de tempestades – comentou o Raul.

– Sim, mas é uma *cadela*, seu idiota.

A rapariga sorriu ao de leve, enquanto tornava a dobrar cuidadosamente o papel e o guardava no bolso. Mas o Zé notou que o sorriso não lhe chegava aos olhos.

– Se ele desapareceu durante uma tempestade, talvez volte durante esta – sugeriu, tentando soar o mais positivo possível.

– É, sem dúvida, a nossa primeira pista! – acrescentou o Raul, apoiando o Zé. – E é das boas!

A rapariga olhou para o Raul.

– Pois é!

Parecia outra vez bastante animada e, num súbito assomo de energia, saltou para cima de uma pequena arca de madeira. Endireitando-se, orgulhosa, pôs a mão sobre o coração e fechou os olhos.

– Juro fidelidade à *Dóris*, a cadela, e prometo mantê-la em segurança juntamente com todos os outros animais do mundo!

Nisto, abriu um dos olhos e fitou os rapazes.

Apesar de parecerem algo envergonhados, eles seguiram-lhe o exemplo e, levando a mão ao peito, murmuraram:

– E nós prometemos ajudar-te a encontrar o teu pai...

– E a lembrares-te do teu nome! – acrescentou o Raul.

– E também em que parte do dia é o pequeno-almoço – resmungou o Bruno, entredentes.

– Boa! – celebrou a rapariga, saltando para o chão. – Estão admitidos! Bem-vindos ao meu bando secreto! Só falta uma coisa para selarmos o acordo...



Depois de pensar uns segundos, tirou do bolso um pequeno canivete e abriu-o. Os rapazes entreolharam-se, ansiosos. Em seguida, viram-na, muito espantados, cortar três madeixas do seu cabelo crespo e pô-las solenemente nas mãos de cada um deles.

– Eh... obrigado? – agradeceu o Bruno, embora ele e o irmão mal conseguissem travar as gargalhadas.

O Zé observou a estranha oferta nas suas mãos, perguntando-se se seria daquelas que se guardam ou que se podem deitar fora.

– A primeira reunião oficial é amanhã de manhã! – anunciou ela.

– Quando dizes *de manhã*, referes-te ao começo do dia, certo? – quis certificar-se o Zé.

– Sim, até podemos tomar um pequeno-almoço matinal – respondeu a rapariga.

– Talvez assim vocês abram a pestana!

– Combinado: reunião com pequeno-almoço matinal – concordou o Zé, sorrindo.

– Mas não vais estar a dormir a essa hora? – perguntou o Raul.

– Nem pensar! – retorquiu a rapariga, baixando-se para fazer uma festa à *Dóris*.

– Agora tenho uma cadela para cuidar.





## O FRASCO DE VIDRO

O Zé desceu a escada atapetada de musgo, percorreu o túnel de hera e saiu da velha casa abandonada, meio atordoado. A surpresa fora tal, que ele mal conseguia acreditar no que acabara de acontecer.

– Ela é um bocadinho *tantã*, não é? – comentou o Bruno, saindo logo atrás do Zé, seguido do irmão.

– Como assim, *tantã*? – perguntou o Raul.

– Bom, a miúda não é propriamente normal – respondeu o Bruno, esfregando os olhos, ensonado. – Eu não ia querer fazer um piquenique com ela, por exemplo.

– Talvez *ela* também não quisesse fazer um piquenique *contigo* – gritou o Raul. – Eu cá não queria. – Logo depois, acrescentou, baixinho: – Acho-a bem simpática.

– Ela até vai tomar conta da *Dóris*... – lembrou o Zé.

Também simpatizara com a rapariga, embora tivesse de admitir que não era propriamente o tipo de pessoa com quem se cruzava todos os dias. Havia qualquer coisa de diferente nela, algo estranho e quase... mágico.

Entretanto, já eram duas da manhã, e o Zé sabia que deveria sentir-se exausto, porque passara muito da sua hora de dormir. Mas quando, depois de se despedir dos Buckley, se esgueirou para casa pelo portão do quintal e atravessou o relvado iluminado pelo luar, sentia-se mais acordado do que nunca. *Quem será* aquela estranha rapariga e o que lhe aconteceu para a fazer esquecer o próprio nome?, matutava.

Ao chegar à porta das traseiras, reparou que as luzes continuavam apagadas. Respirando de alívio, entrou o mais silenciosamente possível, deixou os sapatos e o casaco no vestíbulo e subiu para o quarto, em pezinhos de lã.

Mal viu a cama, deixou-se cair de frente, satisfeito por poder finalmente deitar-se – afinal, talvez estivesse um bocadinho cansado.

Fora uma noite incrível. Pensar que apenas há dois dias se sentia completamente sozinho no mundo e agora fazia parte de um *bando secreto*! O Zé

sempre sonhara em pertencer a um bando. E, como se isso não bastasse, tinham conseguido um abrigo para a *Dóris*! Foi com este pensamento reconfortante que caiu num sono profundo e sem sonhos.

O Zé acordou com o *Óscar* a miar incessantemente ao seu ouvido, exigindo o pequeno-almoço. O gato estava praticamente sentado na cabeça dele, a esfregar o focinho peludo na ponta do nariz do dono.

O Zé suspirou e olhou para o relógio. Ainda era cedo e ele não dormira o suficiente, mas não havia tempo para preguiçar: tinha uma reunião marcada! Sentiu-se logo mais do que acordado. Saltou da cama e vestiu-se em três tempos. Depois, levou o *Óscar* para a cozinha, encheu-lhe a taça de comida e saiu de casa.

Era maravilhoso estar outra vez a caminho da velha casa abandonada. Há anos que queria conhecê-la e, de um momento para o outro, tornara-se o quartel-general do seu bando secreto! Sentia-se o miúdo mais sortudo de todos os tempos.

Ainda assim, enquanto atravessava o quintal, uma vozinha na sua cabeça perguntava: «Terá sido apenas um sonho?» Mas, no momento em que abriu o portão enferrujado e se embrenhou no estranho túnel de hera, o Zé teve a certeza de que era tudo verdade.

No final da passagem, encontrou a porta de madeira aberta. A escada rodeada de hera pareceu-lhe tão misteriosa e mágica como na noite anterior, tal como o estranho salão no primeiro andar, com a sua fantasmagórica mobília sempre-viva. Agora, que era dia, o Zé apercebeu-se de que havia divisões de ambos os lados da escada coberta de musgo. As portas estavam todas escancaradas, e ele não resistiu a dar uma vista de olhos.

Dirigiu-se, pé ante pé, às divisões da esquerda e espreitou lá para dentro... Numa delas, havia uma enorme cama de dossel, com hera a trepar pelos quatro postes. De um dos lados do quarto, ficava uma pequena cozinha e, do outro, uma casa de banho, ambas totalmente tomadas por ramos retorcidos de trepadeira que tornavam os armários, o fogão, a sanita, a banheira... quase irreconhecíveis. O Zé ia a caminho da divisão à direita da escada, quando saiu de lá a *Dóris*.

– O que é que fazias ali dentro? – perguntou o Zé, quando a cadelita se foi enroscar na sua perna. A *Dóris* lambeu-lhe a mão e voltou a entrar pela mesma porta.

O Zé preparava-se para a seguir, mas ouviu vozes no andar de cima e galgou os degraus forrados de musgo.

– É aí que dormes? – estava o Raul a perguntar à rapariga.

– Sim, eu adoro tendas! – respondeu ela. – São muito mais quentinhas do que as camas normais e muito mais divertidas de construir. Querem vê-la? Olá, puto! – saudou, de repente, dando pela presença do Zé. – Anda juntar-te a nós...

Estava a levantar a badana que servia de porta para mostrar o interior da tenda aos Buckley. O Zé foi ter com eles e baixou-se, espreitando por cima do ombro do Raul.

– Brutal! – elogiou o Raul. – Adorava que a minha cama fosse assim.

O Zé não podia negar que a tenda tinha um ar muito acolhedor. Havia uma

enorme pilha de roupa de cama fofinha e almofadas macias, de uma diversidade de materiais e cores. Parecia a cama mais confortável do mundo!

– Ei! – exclamou, subitamente, o Bruno. – Aquilo é meu!

Passou pela rapariga – que começara a recuar como quem não quer a coisa – e entrou na tenda. Quando tornou a sair, trazia na mão a sua capa de edredão estampada com planetas e estrelas verdes cintilantes.

– Então foste *tu* que roubaste a minha capa de edredão do espaço! – acusou, aos berros.

– Só a trouxe *emprestada* – defendeu-se a rapariga, num tom brincalhão. – Ia devolvê-la.

– Deve ser – irritou-se o Bruno.

– Grande lata! – gritou o Raul ao irmão. – Tu acusaste-me a mim! Eu disse que não tinha sido eu, e tu não acreditaste. Pede-me desculpa!

– Não peço coisa nenhuma! Quem tem de pedir desculpa é *ela* – ripostou o Bruno, apontando para a rapariga. – Esta é a minha capa mais fixe! Até brilha no escuro!

– Eu sei, é espetacular! – concordou a rapariga. – Podes levá-la contigo. Só a queria durante um tempinho.

– Como é que conseguiste tirá-la? – perguntou o Bruno.

– Estava a secar no estendal, uma noite destas, e quando a vi a brilhar no escuro... achei-a tão bonita – disse ela, de ombros descaídos. – Desculpa. Podes levá-la, a sério.

– Claro que levo! – gritou o Bruno.

Parecia pronto a desandar escada abaixo com a capa de edredão, quando algo escorregou lá de dentro e caiu ao chão.

Era um frasquinho, que não se partiu e rebolou pelas tábuas do soalho parando, por fim, junto aos pés do Zé.

O Zé ajoelhou-se e apanhou-o. Era mesmo pequeno, feito de vidro escuro e com um rótulo minúsculo. Lembrava o tipo de objeto que se descobre entre os destroços de um velho navio naufragado no fundo do mar.

– O que é isto? – perguntou ele, quando os outros se aproximaram.

– Não sei – respondeu a rapariga. – Encontrei-o aqui em casa.

O Zé observou mais de perto o frasquinho. Tanto quanto conseguia ver, estava vazio. Mas o rótulo tinha alguma coisa lá escrita.

– O que é que diz? – perguntou o Bruno, largando a capa de edredão no chão.

Custava a decifrar, porque a tinta quase desvanecera por completo. Além disso, a caligrafia era minúscula e muito inclinada.

O Zé semicerrou os olhos e leu pausadamente.

– É a mesma letra do bilhete... – concluiu, com um ar pensativo. E, virando-se para a rapariga, perguntou: – Tu deves ter uns 9 anos, não é?

– Acho que sim – disse ela.

– Será que «Flor» é o teu nome?

– Sim! – respondeu ela, dando um pulo. – Acho que é! Podem chamar-me Flor!

O Raul começou também a pular de um lado para o outro.

– Já tens um nome! Já tens um nome! Resolvemos o primeiro mistério!

E desatou a dançar com a Flor ao redor da sala.

– E que história é esta da padaria? – perguntou o Bruno, ainda um bocado irritado por causa da capa de edredão.

A Flor suspirou e, durante alguns segundos, não respondeu, como se procurasse algo para dizer.



– Eu tenho dificuldade em lembrar-me das coisas – confessou, baixinho. – Lembro-me da padaria... e de comer bolo. O bolo era delicioso! O mais delicioso que já provei. O meu pai estava lá, a sorrir para mim, e o sol brilhava... Foi um momento perfeito. Se não me engano, foi a última vez que vi o meu pai. Depois disso, não me lembro de quase nada, até dar comigo aqui.

O Zé ouvia atentamente cada palavra da rapariga.

– Mas esta é a tua casa?

– Não sei – respondeu a Flor. – Parece-me familiar...

– E o teu pai não estava aqui?

– Já o procurei na casa inteira – continuou a Flor. – O mais estranho é que nem consigo lembrar-me da cara dele...

Os rapazes permaneceram em silêncio.

– Consegues lembrar-te de alguma coisa acerca dele? – perguntou-lhe o Zé.

– Não sei bem – respondeu a Flor, tentando pôr as ideias em ordem. – Às vezes, acho que consigo, mas é tudo um bocadinho confuso. Vai e vem.

– Não te preocupes – consolou-a. – A minha mãe também desapareceu há algum tempo, e eu também não me lembro de como é que ela é.

A Flor encarou-o, e trocaram entre eles um breve olhar de cumplicidade.

– Em relação ao frasco... – interrompeu o Bruno, tentando mudar o rumo da conversa.

– Pois, onde é que o encontraste? – quis saber o Zé.

De um momento para o outro, a Flor ficou de novo com o olhar perdido no vazio, como que embrenhada nos seus pensamentos.

Seguiu-se um longo e tenso silêncio.

De súbito, a Flor deu um pulo no ar.

– Ah! – exclamou, com um brilho de excitação nos seus olhos verdes, que logo tomou conta do seu rosto. – Já me lembrei onde o encontrei! Venham comigo! Eu mostro-vos!



## LISTA DE ANIMAIS

A Flor correu para o canto mais distante do salão, atrás da tenda, e os rapazes seguiram-na rapidamente.

Havia ali outro buraco no chão, tão grande como o que o Zé atravessara no dia anterior, arrastado pelo tornozelo. Pelos seus cálculos, devia ficar mesmo por cima da divisão de onde a Dóris tinha saído.

– Por aqui! – indicou a Flor. E, tal como fizera da última vez, lançou-se a uma trepadeira suspensa e – *ZUUUM!* – lá foi ela que nem um torpedo por ali abaixo.

O Bruno e o Raul ficaram boquiabertos, especados na borda do buraco.

– C-como é que ela fez aquilo? – gaguejou o Raul.

– Ela deslizou pela trepadeira? – perguntou o Bruno. – Ou a trepadeira... eh... pareceu-me que foi... – Coçou a cabeça, não sabendo como terminar a frase.

– Tentem não pensar muito nisso! – gritou, animadamente, a Flor. – Saltem e pronto!

– Na verdade, é mais fácil do que parece – afirmou o Zé, saltando também, atrás dela.

O Bruno e o Raul entreolharam-se e lançaram-se, ao mesmo tempo, à trepadeira.

– Aaaaaaaaah! – gritaram, enquanto desciam juntos, cortando o ar.

– Foi ESPETACULAR! – gritou o Raul, cheio de adrenalina. – Podemos repetir?

Mas o Zé já não os ouvia: estava a olhar ao redor da divisão, maravilhado. Ali dentro, a hera parecia particularmente exuberante. Cobria toda a parede do fundo, formando uma camada tão cerrada de folhas que nem sequer se vislumbravam os tijolos por baixo. Era como uma cortina, pesada e impenetrável.

E, junto dela, estava a Dóris, farejando-a freneticamente, para cá e para lá.

– Ela adora esta sala – contou a Flor. – Andou ali a farejar a noite inteira. Até fui investigar se havia alguma coisa atrás da hera, mas é só uma parede.

– Que sala é esta? – perguntou o Zé.

– Foi aqui dentro que encontrei os frascos – informou a Flor. – Estavam por

toda a parte, nesses buracos que veem no chão.

– *Frascos?* – repetiu o Bruno. – Então eram mais?

– Oh, sim! – disse a Flor. – Havia uma catrefada!

O Zé reparou que as tábuas do soalho estavam cheias de buracos. De cada um deles, saíam vários ramos de trepadeira que serpenteavam até à parede do fundo juntando-se à cortina de vegetação.

– Deve ter sido assim que a hera invadiu a casa – matutou o Zé, por entredentes. – Foi aqui que tudo começou...

Agachou-se para inspecionar um dos buracos. Na borda, parecia haver restos de um líquido que secara e endurecera. Parte escorrera por entre as tábuas do soalho para o solo debaixo da casa. O Zé verificou os restantes buracos e descobriu que se passava o mesmo com todos.

– Pergunto-me o que terá feito estes buracos – matutou, baixinho.

– Talvez aquilo que estava dentro dos frascos – sugeriu a Flor.

– Afinal, onde é que eles estão? – perguntou o Bruno.

– Quem?

– Os *frascos*!

Antes que a Flor conseguisse responder, ouviu-se um grito atrás dela.

Era o Raul, que parecia debater-se com uma trepadeira da cortina.



– A hera está... *viva*? – perguntou, numa voz trémula.

– Claro que está viva – resmungou o Bruno. – Todas as plantas estão vivas, totó.

– Sim, mas... acho que esta acabou de me tocar no ombro...

– Não sejas ridículo – disse o Bruno, embora não soasse muito convicto.

O Zé encarou a Flor.

– Esta hera é *mágica*? – perguntou-lhe.

– Sim, talvez seja *mágica*, suponho... – confirmou ela, com um brilhozinho no olhar. – Mas não consigo lembrar-me ao certo.

– Esta sala dá-me arrepios – declarou o Bruno. – Podemos voltar lá para cima?

– Tive uma ideia! – anunciou a Flor. – Que tal bebermos um leiteinho morno?!

Ajuda sempre.

Não esperando pela resposta de ninguém, dirigiu-se à trepadeira grossa pela qual tinham deslizado, deu-lhe um puxão firme e, instantes depois, subiu disparada através do buraco até ao andar superior.

– Isto é um sonho? – interrogou-se o Bruno, olhando para cima, meio atordoad.

– Se for, estamos todos a sonhar a mesma coisa – respondeu o Zé.

– Bom, pelo menos, isto responde à pergunta sobre se a hera é mágica – comentou o Raul.

– Venham daí! – chamou a Flor, enfiando o rosto sardento pelo buraco. – Quero mostrar-vos os outros frascos... Já me lembrei onde é que estão!

Depois de recuperarem de mais uma estranha viagem de trepadeira, os rapazes concluíram que um leitinho morno vinha mesmo a calhar e deixaram-se cair no chão, junto à tenda, enquanto a Flor acendia o seu fogão.

– De quem são estes livros todos? – questionou o Bruno, observando as enormes pilhas que rodeavam a tenda.

– Do meu pai, julgo eu – respondeu a Flor, mexendo a panela.

– Não gosto de livros – disse o Raul. – Têm demasiadas palavras.

– Também, não sabes ler! – zombou o Bruno.

– Sei, sim, senhor! – retrucou o Raul. – Mas prefiro banda desenhada. Gosto mais das imagens.

– O meu livro preferido também tem imagens – disse a Flor, que trazia nas mãos uma grande caneca e uma tijela de leite fumegante. – Vão ter de partilhar. Só tenho esta louça.

– Obrigado – agradeceu o Zé, sentindo o aroma quente e reconfortante enquanto bebia um gole e passava adiante.

– E qual é o teu livro preferido? – perguntou o Raul à Flor.

– Encontrei-o na sala lá de baixo. Está guardado na arca, com o resto das minhas coisas especiais...

Levantou-se de um pulo, foi aos saltinhos até à arca de madeira e, sem qualquer aviso, deu um empurrão ao Bruno, que estava lá sentado.

– Ei! – gritou o rapaz, caindo, desamparado, no chão.

– Desculpa, mas sentaste-te na minha arca especial!

A Flor abriu-a com todo o cuidado e tirou de lá um livro grande, largando-o no chão, com um *BAQUE*.

– É um livro muito precioso – explicou, quando os rapazes se reuniram à sua volta. – É a minha enciclopédia de animais – acrescentou, orgulhosa. – Tem todos os animais do mundo.

A Flor folheou a enciclopédia até chegar à fotografia de um portentoso elefante cinzento.

– Esta é a minha criatura preferida em todo o reino animal. Quando for crescida, quero ter uma família inteira de elefantes para irmos explorar juntos. Viajo montada nos maiores e ensino os bebés a reboarem na lama.



A Flor tocou na fotografia com a ponta do dedo e os seus olhos brilharam de profunda admiração.

– O meu pai trabalha no lar de animais – contou o Zé. – Há lá um elefante. Um dia, podíamos visitá-lo.

Os olhos da Flor arregalaram-se como faróis.

– A sério? E o que é um lar de animais?

– É como um jardim zoológico, só que todos os animais são velhotes. Já não conseguem tomar conta deles próprios.

– Isso parece o melhor trabalho do mundo – disse a Flor, com um suspiro.

– Então... hum... e os frascos também estão na arca? – quis saber o Zé. Não queria pressioná-la, mas ela parecia ter-se esquecido completamente do que fora buscar.

– Ah, sim! – respondeu a Flor. – Deixem-me mostrar-vos.

Passou a enciclopédia dos animais ao Raul e voltou a vasculhar a arca. Lá dentro estavam uma série de frascos, iguazinhos ao que tinham encontrado embrulhado na capa de edredão do Bruno: todos de vidro escuro, com um pequeno rótulo branco.

O Zé e o Bruno pegaram num cada um e leram os respetivos rótulos.

– Duzentos e dezassete – disse o Zé.

– Este tem um seis – afirmou o Bruno.

– Sim, todos têm números – contou a Flor, empolgada.

– Isso não é grande ajuda – suspirou o Zé, deveras desapontado. Convencera-se de que os frascos lhes dariam pistas do paradeiro do pai da Flor.

– Olhem! – exclamou, de repente, o Raul.

– O que é que foi? – perguntou o Bruno.

– Isto acabou de cair da enciclopédia... – declarou o Raul, entregando um pedaço de papel à Flor.

Era papel de carta e tinha escrita uma lista de animais... *na mesma* caligrafia inclinada dos rótulos e do bilhete do pai da Flor.

*Chita - para a velocidade (pode alcançar*

*110 quilómetros por hora em 3 segundos).*

*Tartaruga - para a longevidade*

*(vive mais de 200 anos).*

*Falcão - para voar.*

*Tubarão - para respirar debaixo de água.*

*Cavalo - para a audição.*

– Vejam! – exclamou a Flor, apontando, excitada, para o último animal da lista.

O Zé aproximou-se e leu, em voz alta: «Elefante – para a memória.»  
Abaixo, havia mais um parágrafo, que dizia:

*Penso que os elefantes talvez sejam os animais mais poderosos de todos, considerando que possuem uma memória incomensuravelmente superior à das restantes espécies. Os elefantes estão constantemente a recordar e a contar histórias que me dão muito prazer ouvir. Lembram-se de tudo.*

– Como assim, *a contar histórias*? – zombou o Bruno. – Os elefantes não conseguem contar histórias!

– Como é que sabes? – perguntou o Raul. – Aposto que até conseguem, nós é que não os entendemos!

– Não sei o que isto significa – disse o Zé, olhando para a Flor. – Mas, se este livro for mesmo do teu pai, acho que o elefante também é o animal preferido dele.

O Bruno reparou, então, noutra pormenor da lista.

– Parece que há um número de página a seguir à nota sobre o elefante: página 119 – disse, tirando a enciclopédia ao Raul.

– Ei! – protestou o irmão, cruzando os braços, amuado, quando o Bruno começou a virar as páginas.

Ao chegar à 119, quase se engasgou.

– É o elefante!

Eis que ocorreu ao Zé uma ideia.

– Encontraste este livro na sala onde estavam os frascos, certo? – perguntou à Flor.

– Sim – confirmou ela.

– Então, talvez os números dos frascos também sejam números de páginas...

Os olhos da Flor iluminaram-se. Pegou num dos frascos e leu o número no rótulo.

– É o 81!

O Bruno voltou a folhear a enciclopédia até chegar à página 81.

– A tartaruga!

– Também aparece na lista! – afirmou o Bruno. – Tira outro...

A Flor voltou-se novamente para a arca, mas o Raul já se adiantara.

– Ei! – reclamou ela, tentando arrancar-lhe o frasco da mão.

Não conseguiu.

– Este tem uma rolha! – disse ele, abrindo-o logo.

Uma pequena bola colorida caiu-lhe nas mãos.

– Uuuh! É um *rebuçado*! – exclamou.

E, antes que alguém pudesse detê-lo, meteu-o na boca.



## REBUÇADOS QUEBRA-DENTES!

– Não, Raul! – gritou o Zé. Mas não foi a tempo.

Os olhos da Flor esbugalharam-se.

– O que é que acabaste de comer? – perguntou o Bruno, como um pai zangado quando o filho está a esconder-lhe alguma coisa.

– Nada – balbuciou o Raul, de boca cheia. – Não tens nada que ver com isso. É meu. Fui eu que o encontrei.

O Bruno mal conseguia entender o que o irmão dizia. Havia algo do tamanho de uma bola de pingue-pongue firmemente alojada na sua bochecha.

– Cospe essa porcaria! – ordenou o Bruno, estendendo a mão por baixo do queixo do irmão.

O Raul abanou a cabeça.

Sem qualquer aviso, o Bruno lançou-se ao irmão e sacou-lhe o frasco da mão. Mas, quando olhou lá para dentro, descobriu que estava vazio.

– É só um rebuçado *quebra-dentes*! – resmungou o Raul.

– *Parece um quebra-dentes*, mas não sabemos o que é realmente! – disse-lhe o Zé.

– Agora já o engoli! – confessou o Raul, com uma expressão assustada.

– Seu idiota! – admoestou o Bruno.

A princípio, pareceu que nada ia acontecer. Mas, de súbito, as ancas do Raul deram uma sacudidela, como se ele tivesse apanhado um choque elétrico. No mesmo instante, o Raul agarrou-se à barriga e desmanchou-se a rir. Uns segundos depois, andava de rojo pelo chão, torcendo-se e contorcendo-se.

– Faz cócegas! – gritava ele. – Está a explodir! Está a explodir dentro de mim!

Nisto, levantou-se como uma mola e começou a pular ao redor da sala, que nem um louco.

Os outros tentaram a todo o custo não se escangalhar a rir, mas não conseguiram conter-se. O Raul estava a fazer uma figura hilariante! Era como ver alguém a ter o ataque de comichão mais cómico do mundo. O desgraçado pulava

de um lado para o outro, feito um canguru alucinado, enquanto os outros se riam a bandeiras despregadas.

– Sinto-o a rebolar na minha barriga! – guinchou o Raul. – Faz cócegas! Tantas cócegas! Não consigo parar de rir!

– Uau! – gritou, de repente, a Flor, apontando para os pés dele, com os olhos quase a saltar das órbitas. – Os teus pés não estão a tocar no chão.

– O quê? – O Raul olhou para baixo e apanhou um susto quando viu que, de facto, pairava a alguns centímetros do chão. – Estou a flutuar! – gritou.

E começou a inclinar-se para a frente e para trás, tentando desajeitadamente equilibrar-se, como se estivesse a experimentar um *skate* invisível.

– Não consigo controlar isto! – gritou, numa voz cómica.

– Dá aos braços! – gritou a Flor.

– Dou aos braços? – retorquiu o Raul.

– Sim! Como se fossem asas! Finge que és um pássaro!

O Raul deu aos braços e, no mesmo instante, largou a voar em direção ao teto.

– O que raio está a acontecer? – gritou, parecendo tão feliz quanto apavorado.

O Zé não podia acreditar nos seus olhos.

– Es-tá-tás a voar! – exclamou.

O Raul depressa descobriu que, se batesse com força o braço direito, virava ligeiramente à direita. E, se batesse o braço esquerdo, virava ligeiramente à esquerda.

– Já consigo! – exclamou. – Resulta! Consigo mudar de direção!

E voou como um pássaro em volta da sala, para cima e para baixo, para cá e para lá.

– Estás bem? – gritou o Zé.



– Claro! – gargalhou o Raul. – Consigo voar! É a sensação mais espetacular do mundo!

O Raul fazia círculos e mais círculos no ar, gargalhando e dando gritos de alegria. Parecia tão palerma e contente, lá no alto.

De repente, uma ideia assaltou o Zé.

– Flor, onde está o frasco de onde ele tirou o rebuçado? – perguntou. – Qual é o número no rótulo?

A Flor encontrou o frasco.

– É o 226! – gritou.

O Zé passou as páginas do livro e quase se engasgou quando chegou à página 226. Virou-a para a mostrar à Flor.



**O Falcão**



## OS PODERES DOS BUCKLEY!

Era a melhor pista que tinham encontrado até então e confirmava claramente aquilo de que suspeitavam desde o início: havia magia naquela casa. Agora sabiam com certeza que a magia viera dos frascos e, aparentemente, tinham também descoberto a sua fonte. Ou, pelo menos, sabiam que estava de alguma forma relacionada com os animais do livro.

Enquanto o Raul voava, livre e solto, ao redor da sala, como um pássaro, o Zé, a Flor e o Bruno voltaram para junto da arca para examinarem os restantes frascos.

– Tenta encontrar um que ainda tenha a rolha! – pediu o Zé.

– Encontrei! – disse o Bruno, mostrando-o.

O Zé e a Flor juntaram-se a ele e puseram-se os três a observar o pequeno objeto redondo dentro do frasco. Confundia-se facilmente com um rebuçado *quebra-dentes*.

– Olhem! – exclamou a Flor. – Está a mexer-se...

Quando olharam mais de perto, ficaram boquiabertos. A Flor tinha razão. O *quebra-dentes* pairava suavemente no centro do frasco, sem sequer tocar nos lados.

– Como é que isto é possível? – sussurrou o Zé.

– Vamos abri-lo – sugeriu o Bruno, tirando a rolha.

A pequena esfera flutuou para fora do frasco e pousou na sua mão.

– Não faças nenhuma estupidez, Bruno – bichanou o Zé.

– Quem, eu? – respondeu o Bruno, com um sorriso traquinas.

E, antes que alguém pudesse impedi-lo, enfiou o *quebra-dentes* na boca.

– Bruno! – gritou o Zé, demasiado tarde.

O Bruno começou a chupar o rebuçado e sorriu, movendo ao mesmo tempo os lábios e as bochechas, em diferentes direções.

A Flor bateu palmas, radiante.

– Isto é tão divertido! – exclamou. – O que irá acontecer desta vez?

O Zé verificou o número no rótulo do frasco – era o 56 – e abriu o livro nessa página.

– A chita! – segredou à Flor. – Também está na lista de animais! – Consultou o

papel e leu o que dizia: – «Chita, para a velocidade.»

O Zé e a Flor puseram-se a olhar fixamente para o Bruno, expectantes. Durante uma eternidade, nada aconteceu. Eis senão quando, tal como o Raul, o Bruno desatou a rir-se a bandeiras despregadas.

– AHAAAAHAAAAAHAAAAAH! – gritou e depois, como que por milagre, disparou a correr, desaparecendo da sala, num piscar de olhos.

– Onde é que ele foi? – gritou o Zé, aflito.

Sentiram, então, o chão tremer ligeiramente debaixo dos seus pés, e um vulto desfocado irrompeu na sala a tal velocidade que fez o livro voar, com as páginas a bater.

– Como é que conseguiste isso? – perguntou o Zé ao Bruno, que parara ao seu lado, com os olhos esbugalhados.

– Sei lá! – ofegou ele. – Quando piso o chão com força, disparo a correr a mil à hora! É brutal, hein? Ei, Raul! – chamou, num tom trocista. – Já não és o único Buckley com poderes!

– Iá, mas consegues fazer isto? – ripostou o Raul, voando a pique na direcção dele.

Mas, quando lá chegou, o irmão já estava no lado oposto da sala.

– Ah-ah! – provocou o Bruno. – Apanha-me, se conseguires!

O Zé voltou-se para a Flor.

– O que é que se passa aqui?

– Eu *sabia* que havia magia nesta casa! – sussurrou ela, entusiasmada.

– Mas de onde é que vem? Achas que... – O Zé não tinha muita certeza do que estava a tentar dizer. – Será que o teu pai é... tipo... mágico?

– Deve ser! – respondeu a Flor, radiante.

A velha casa abandonada escondia, sem dúvida, um segredo assombroso e fantástico, e o Zé ansiava por descobrir qual a origem daquela magia e que relação tinha com a estranha situação da Flor e do seu pai desaparecido.

Nisto, ouviu um bate-que-bate no lado de fora da janela. Era o barulho da chuva. A tempestade devia estar prestes a rebentar. E, além disso, eram quase horas de jantar.

– Oh, não... – disse o Zé. – Tenho de ir para casa antes de o meu pai voltar. – Nesse instante, chegou-lhes um latido vindo do fundo da escada. – A *Dóris*! – lembrou-se. – Ela ficou enfiada naquela sala este tempo todo?

Logo em seguida, a cadela entrou a correr, passando pelo Zé e pela Flora direita ao canto atrás da tenda, onde estava o enorme buraco.

– O que foi, *Dóris*? – perguntou o Zé, seguindo-a.

– Olha! – apontou a Flor.

A princípio, o Zé não percebeu ao que ela se referia. Depois viu duas pequenas esferas flutuantes – iguais aos *quebra-dentes* – a subir do andar de baixo, atravessando o buraco... em direcção a eles.

Entretanto, pararam a flutuar suavemente no ar, mesmo acima das suas cabeças.



– Foi ele que as enviou! – murmurou a Flor. – Ele sabe que eu estou aqui!  
– Quem? – perguntou o Raul, confuso.  
– O meu pai! – exclamou a Flor.  
– Como é que sabes? – perguntou o Zé.  
– Simplesmente, sei! – respondeu ela. – É uma pista... Ele está a tentar ajudar-nos a encontrá-lo!

As esferas mágicas giravam agora em torno uma da outra, como pirilampos cintilantes.

– Porque é que estão a fazer aquilo? – perguntou o Bruno.

Os *quebra-dentes* voavam ora para um lado, ora para o outro, sem nunca se tocarem, como pessoas a andar numa rua movimentada desviando-se para não esbarrarem com ninguém.

– Porque são mágicas – limitou-se a dizer a Flor.

Esticou delicadamente a mão aberta e segurou numa das esferas. No interior, uma luz cor de laranja reluzia e pulsava.

A Flor olhou para o Zé, e ele percebeu que era suposto seguir-lhe o exemplo. Avançou devagarinho até à outra esfera e pegou-lhe.

– Qual será o efeito destas? – perguntou-se.

A Flor sorriu.

– Pronto para descobrir? – desafiou.

O Zé tornou a olhar para a esfera. Era tão bonita, com a sua luz cor de laranja cintilante, palpitando como um coração na palma da sua mão. Sabia bem que ia acontecer uma maluquice qualquer, mas parte dele não tinha medo.

Os brilhantes olhos verdes da Flor observavam-no, esperançados.

O Zé assentiu com a cabeça, e enfiaram os dois as esferas na boca ao mesmo tempo.



## ALPERCES MADUROS

As pequenas bolas mágicas eram surpreendentemente doces. O Zé sentiu a sua a derreter na boca e, ao engoli-la, teve uma súbita sensação de calor e comichão no fundo da garganta.

Depois, tal como os Buckley, o Zé e a Flor desataram a pular pela sala, feitos coelhos saltitões, enquanto os *quebra-dentes* explodiam no seu estômago.

O Zé parecia que tinha uma serpente dentro da *t-shirt*, de tanto que se contorcia, e estava agarrado à barriga – que esticava, encolhia e remexia em todas as direções. Por fim, não conseguiu conter-se mais e desmanchou-se a rir.

– Ahahahaha! Faz *tantas* cócegas! – gritava. – Para! Para! Ahahahaha! Para!

A Flor também se ria descontroladamente. Já lhe escorriam lágrimas pela cara abaixo, como se tivesse acabado de ouvir a piada mais engraçada de sempre.

As gargalhadas dos dois eram tão contagiantes que o Bruno e o Raul se desmancharam a rir outra vez. Daí a pouco, estavam todos perdidos de riso, a ponto de acharem que não iam aguentar.

Faziam tal escarcéu que quase não ouviram a *Dóris* a ladrar.

– Ei! Parem lá com isso!

– OK, OK – disse o Zé. De repente, caiu-lhe a ficha. – Eh... o quê? – perguntou à *Dóris*, como se a tivesse percebido mal.

– Ouviram o que eu ouvi? – interrogou a Flor. – A *Dóris* acabou mesmo de...

– Parem lá com a brincadeira! – ladrou novamente a *Dóris*, ainda mais alto. – Estou a tentar contar-vos que fiz uma descoberta importante! Há qualquer coisa atrás da hera!

– O que é que disseste? – engasgou-se o Zé, em choque, enxugando as lágrimas.

– Ela falou? – perguntou a Flor, de boca aberta como um peixe fora de água.

– Que conversa é essa? – disse o Bruno, continuando a rir como se se tratasse de uma brincadeira.

– Há alguma coisa atrás da hera lá em baixo! – ladrou, outra vez, a *Dóris*. – Consigo farejá-la!

– Ouviram isto? – perguntou o Zé. – Ela está a dizer-nos que consegue farejar qualquer coisa atrás da hera!

– Como assim, a *dizer-vos*? – riu-se o Bruno. – Para de gozar!

Mas nem o Zé, nem a Flor se estavam a rir. Olhavam ambos para a cadelita, perplexos.

– Vocês não ouvem o que a *Dóris* diz? – perguntou o Zé.

– *Não!* – gritou o Bruno. – Só ouvimos as vossas maluquices!

– Eu também a ouço! – exclamou a Flor. – E consigo entendê-la! Percebo tudo o que ela diz!

– Consegues entender-nos, *Dóris*? – perguntou o Zé.

– Claro que consigo! – ladrou a *Dóris*. – Agora, venham daí... – pediu, precipitando-se para a escada.

A Flor e o Zé correram no seu encalço, mas o Bruno ultrapassou-os num pestanejar e o Raul voou até ao andar de baixo, chegando lá muito antes deles. A *Dóris* latia freneticamente junto à parede de hera, farejando a folhagem que nem uma louca.



– Sinto o cheiro de água doce... – ladrou –, de ar de montanha e de alperces maduros!

– O que é que ela está a dizer? – quis saber o Bruno, furioso por ter de ficar fora da conversa.

A *Dóris* continuava a arranhar a parede de hera, na esperança de encontrar uma passagem, um buraco, uma abertura... qualquer coisa!

Depois, ladrou uma última vez, alto e bom som.

– O que é que ela disse agora? – perguntou o Raul.

A Flor e o Zé viraram-se um para o outro, de olhos arregalados.

– Disse que... – começou o Zé, mal podendo acreditar nas palavras que iam sair da sua boca. – Disse que é outro mundo... – completou.

– Vamos lá espreitar? – sugeriu a Flor.

O Zé anuiu e aproximou-se da parede, com o coração aos pulos, não sabendo o que esperar.

Lentamente, afastou os ramos de trepadeira.

Mas... apenas encontrou uma parede castanha de tijolo.



## UMA IDEIA MARAVILHOSA!

Quando o bando secreto saiu da estranha sala para o vestibulo, o Zé não sabia bem se se sentia aliviado ou desiludido.

Parecia-lhe que tinham passado dias e dias desde que lá entrara, naquela manhã – e sabia que precisava de regressar a casa, quanto antes. Se o pai voltasse e não o encontrasse na cama àquela hora, ficaria em maus lençóis.

Os membros do bando separaram-se sem perder tempo, incertos quanto aos seus novos poderes e ao significado de tudo aquilo. Combinaram dormir sobre o assunto e reunir no dia seguinte, bem cedo.

Nuvens imensas toldavam agora o céu e a chuva caía copiosamente. Quando finalmente alcançou a porta das traseiras, depois de atravessar o quintal da sua casa, o Zé estava encharcado.

Para seu alívio, o pai ainda não chegara, por isso o Zé correu escada acima. Depois de se secar e vestir o pijama, tornou a descer para a cozinha, acendeu o rádio e preparou duas sanduíches de compota, uma para ele, outra para o pai.

No noticiário quase só se falava da tempestade. Os rios e riachos já tinham começado a subir como resultado das fortes chuvas e, aparentemente, o pior ainda estava por vir.

O silêncio reinava na casa quando o Zé voltou a subir para o quarto, levando consigo a sua sanduíche. Era muito tarde, mas tinha demasiado em que pensar para se sentir cansado.

Chegando ao quarto, abriu a janela, para poder ouvir o barulho da chuva. Entretanto, o dilúvio acalmara um pouco, e a noite estava quente. O luar entrava pela janela e alumia a cama, onde o Zé se sentara. Ele pensava e repensava nas pistas que tinham encontrado, mas faltava uma peça importante do quebra-cabeças. E essa peça era o pai da Flor.

De repente, apareceu-lhe à janela uma pequena cabeça, vinda do nada.

– Ei, puto!

O Zé quase caiu da cama, assustado, quando a Flor saltou para o parapeito, fazendo uma aterragem perfeita.

– Como é que chegaste aqui acima? – perguntou-lhe o Zé, aproximando-se da janela. – Entra, senão ficas encharcada.

– Trepei pelo cano – disse a Flor, encolhendo os ombros.

O Zé olhou para ela, maravilhado. Com o seu rosto pálido recortado contra a escuridão da noite lá fora e emoldurado pela janela aberta, parecia fazer parte de uma pintura misteriosa.

O rapaz ajudou-a a entrar no quarto. A Flor olhou em volta, curiosa.

– É aqui que tu dormes? – perguntou.

O Zé assentiu com a cabeça. O quarto estava completamente às escuras, mas a Lua cheia derramava nas paredes a sua luz prateada.

A Flor sentou-se na beira da cama, a observar a parede coberta de postais.

– São da minha mãe – explicou o Zé. – Ela envia-mos dos sítios que visita.

Houve um breve silêncio.

– Tens saudades dela? – perguntou a Flor.

– Suponho que sim – admitiu o Zé. – Embora não me lembre bem dela. – E, após uma pausa, acrescentou: – E tu, tens saudades do teu pai?

Mal as palavras lhe saíram da boca, ficou com um nó apertado no estômago e arrependeu-se de as ter dito. Claro que a Flor sentia saudades do pai. Era uma pergunta parva.

A Flor olhou pela janela.

– Tenho – disse –, mas também não me lembro dele. Acho que é mais ou menos como tu.

O Zé concordou com um aceno de cabeça.

– É estranho, porque na realidade nunca a conheci. Por vezes consigo senti-la, como se ela ainda aqui estivesse. Às vezes pergunto-me se algum dia voltarei a vê-la – confessou. – Mas, à medida que vou ficando mais velho, percebo que provavelmente não passa de um sonho infantil.

As suas palavras escaparam silenciosamente pela janela e voaram noite dentro.

– Tenho a certeza de que hás de voltar a vê-la, um dia – garantiu a Flor.

– E eu tenho a certeza de que tu vais ver o teu pai – disse o Zé, com um sorriso amarelo.

A Flor pegou no postal que estava em cima do banquinho ao lado da cama.

– Que sítio é este? – perguntou.

– É Paris – afirmou o Zé. – Isso é a Torre Eiffel. A minha mãe ainda deve lá estar, porque o postal chegou há poucos dias, e Paris não fica assim tão longe.

A Flor observava atentamente o postal, à luz do luar, e pareceu franzir o sobrolho a qualquer coisa, antes de voltar a pousá-lo no banquinho.

– Bom! – declarou – Eu vim falar contigo, porque tive uma ideia maravilhosa. – Encarou-o, com os olhos verdes a brilhar. – Achas que os animais do lar onde o teu pai trabalha poderão saber onde está o meu?

– Como assim? – perguntou o Zé.

– Bem, parece que o meu pai sabe muito sobre animais – explicou ela. – Por isso, talvez também tenha trabalhado lá nesse lar. Ou, pelo menos, o tenha visitado

muitas vezes. Como é que poderia saber todas aquelas coisas sobre os elefantes, por exemplo, se não conhecesse bem nenhum? E não devem existir *muitos* elefantes nas redondezas, certo?

– Mas como é que isso iria ajudar? – perguntou o Zé. – Seja como for, ele já não está lá...

– Só que agora nós conseguimos falar com os animais – explicou a Flor –, por isso podemos perguntar-lhes para onde é que ele foi!

O Zé olhou para ela e começou a rir-se: era uma ideia muito engraçada. Reparou, então, que a Flor não mudara de expressão e, de repente, caiu-lhe a ficha.

– Estás a falar a sério? – questionou.

– Claro – respondeu ela, num tom desafiador.

O Zé pôs-se a abanar a cabeça, confuso.

– Queres ir perguntar aos animais onde está o teu pai?

– Qual é o problema? – protestou ela, erguendo os braços no ar. – Falámos com a *Dóris*, não falámos?

– É uma ideia maluca! – exclamou o Zé. – E se alguém nos vir?

A Flor sorriu de orelha a orelha, e o Zé não conseguiu evitar que um minúsculo sorriso se desenhasse também no seu rosto. Interpretando-o como um inequívoco sim, a Flor deu um pulo no ar, com um grito sussurrado de alegria.

– Precisamos de ter muito cuidado – avisou o Zé, num tom sério.

A Flor assentiu com a cabeça, tentando parecer igualmente séria, mas não conseguiu esconder a alegria no seu olhar.

– Não podemos deixar que o meu pai nos veja lá – continuou o Zé –, nem ser apanhados pelo chefe dele, o senhor Nettles, senão ainda o metemos em sarilhos.

– Combinado! – concordou a Flor, acenando com a cabeça. – Afinal, somos um bando secreto, a ideia é mesmo agirmos em segredo.

Estendeu a mão e o Zé apertou-a.

– Então, até amanhã! – despediu-se, enquanto trepava para o parapeito e deslizava pelo cano abaixo como se fosse uma das trepadeiras da sua casa mágica.

O Zé ficou sentado na cama mais um instante, sorrindo para si mesmo. O olhar fugiu-lhe para o postal em cima do banquinho. A Flor deixara-o com a mensagem voltada para cima. Só então, observando-o à luz do luar, é que o Zé reparou num pormenor.

E não foi o que vinha lá escrito que lhe saltou à vista, mas o que estava no canto superior direito, ou melhor, o que lá faltava: o selo! Não havia nenhum. Não havia nada.

O Zé virou instantaneamente a cabeça para a colagem de postais, sentindo o coração apertado dentro do peito.



Levantou-se devagar e aproximou-se da parede. Foi com uma terrível sensação de pânico quando esticou a mão e removeu um dos postais. Virando-o, observou o verso. Nenhum selo.

O Zé esticou o braço e tirou outro. Também não tinha selo. A sua respiração estava cada vez mais ruidosa e acelerada. De repente, começou a despir a parede, arrancando com as unhas os cantos colados dos cartões, que choviam sobre ele como folhas de uma árvore murcha.

Depois de tirar todos os postais, o Zé ajoelhou-se no chão e examinou-os, um a um. As mãos tremiam-lhe e o seu estômago retorcia-se em nós dolorosos. Foi então que se apercebeu da presença de mais alguém no quarto. Levantou a cabeça e viu o pai, especado na soleira da porta.





## O SEGREDO DO SR. BROOM

O pai do Zé entrou no quarto e sentou-se na pequena cadeira, no canto, com um suspiro.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Os postais – disse o Zé. – Não foi ela que os enviou, pois não?

Ele sabia a resposta. De alguma forma, parte dele sempre soubera.

– Não, não foi – respondeu o pai. – Foram escritos por mim. Todos eles. E ainda mal andavas quando te entreguei o primeiro. A determinada altura, pensei parar, mas eram tão importantes para ti.

O Sr. Broom esboçou um sorriso triste, e o luar que banhava o seu rosto fez cintilar pequenas gotas luminosas nos seus olhos.

– Adoravas ver as fotografias e aprender coisas sobre todos aqueles sítios diferentes. – disse, rindo-se – Além disso, era uma maneira de a manter nas nossas vidas. Ajudava-me a acreditar que ela ia voltar... e, na verdade, continuo a acreditar. Tal como tu, ainda não perdi a esperança de que esse dia maravilhoso chegue.

– Ela foi-se embora por minha causa? – perguntou o Zé.

– Como é que podes dizer uma coisa dessas? – reagiu o Sr. Broom. – Não acreditas mesmo nisso, pois não?

O Zé pensou um instante. Aquela pergunta sempre existira algures, nas profundezas da sua mente.

– Não sei em que acreditar – admitiu, por entredentes.

– Adorava poder explicar-te o que aconteceu – suspirou o pai. – Mas eu próprio não faço ideia. Sempre foi um mistério.

O Zé gelou enquanto esperava que o pai continuasse.

– Acho que já tens idade para saber a verdade, e a verdade, Zé – retomou o Sr. Broom –, é que eu não sei o que aconteceu à tua mãe. Ela começou a ficar preocupada com o teu avô, porque ele deixou de aparecer no trabalho e, um dia, decidiu ir à procura dele. Pelo menos, foi essa a explicação que me deu. Talvez não

passasse de uma desculpa esfarrapada. De um pretexto. Nunca cheguei a descobrir, porque ela nunca mais voltou.

Notava-se um ligeiro tremor na voz do Sr. Broom.

– A tua mãe nunca quis regressar. Queria viajar. Ver o mundo. Ela cresceu aqui, sabias?

O Zé abanou a cabeça.

– Nós só nos mudámos para cá, porque a tua mãe estava preocupada com o teu avô. Acho que, quando o pai morreu, ela decidiu arriscar. Sempre tive esperança de que um dia voltasse para casa, mas nunca voltou.

– Então, ela simplesmente... desapareceu? – murmurou o Zé.

– Desculpa nunca te ter contado – pediu o Sr. Broom, olhando nos olhos do filho, com profunda tristeza. – A minha intenção era proteger-te.

O Zé sentia o pai a observá-lo através da escuridão do quarto, à espera de que ele dissesse alguma coisa. Mas não sabia o que dizer.

O pai suspirou e, pouco depois, levantou-se devagarinho da cadeira.

– Vou deixar-te sozinho – disse. – Se precisares de mim, estou lá em baixo. Saio para o trabalho de manhã, bem cedo.

Depois, retirou-se do quarto, fechando suavemente a porta atrás de si.

O Zé ficou sentado na cama, a ouvir os passos do pai a descer os degraus. Depois, caiu o silêncio, e viu-se de novo sozinho.



## O LAR DOS ANIMAIS

Na manhã seguinte, o Zé acordou com as galinhas.

Sentiu uma pontada de tristeza quando lhe veio à memória a estranha conversa que tivera com o pai na véspera. Mas, neste momento, não havia tempo para pensar nesse mistério. O bando tinha outro mistério para resolver e a investigação começaria com uma visita ao Lar dos Animais.

Determinado, o Zé pôs de lado a tristeza, vestiu-se rapidamente e foi bater à porta dos Buckley para os pôr a par do plano.

– Eu posso ir a voar! – exclamou o Raul, empolgado com a ideia.

– Então é melhor ires andando! – disse-lhe o Bruno. – Com a minha velocidade de chita, chego lá em 30 segundos, por isso vou dar-te um avanço!

– Por favor! – ripostou o Raul, revirando os olhos. – Eu tenho asas, meu querido: chego lá  *muito* mais depressa do que tu.

Uma hora depois, o Zé e a Flor estavam no cimo da encosta, a olhar para a vila, lá em baixo.

– Já alguma vez andaste de bicicleta? – perguntou o Zé.

A Flor encolheu os ombros.

– Não me lembro.

– Bom, não te preocupes – disse-lhe o Zé, com um sorriso. – Podes ir em pé na minha.

– Como é que isso funciona? – perguntou-lhe a Flor.

– Eu mostro-te – afirmou o Zé. De repente, ficou a olhar para ela. – Essa *t-shirt* é minha? – questionou.

A Flor baixou os olhos, com um ar culpado.

– Desculpa – pediu. – Precisava de uma *t-shirt* lavada e vi esta no estendal.

O Zé revirou os olhos, mas não conteve um sorriso.

– Fica com ela – ofereceu.

– Obrigada – agradeceu a Flor, meio envergonhada, tentando disfarçar um enorme bocejo. – Estou exausta. As noites têm sido longas. Espero não adormecer

pelo caminho.

– Acho pouco provável – disse o Zé. – Aposto que, na descida, ficas mais do que acordada.

Pelo menos, parara de chover e um raio de sol até conseguira furar a espessa camada de nuvens cinzentas que encobria o céu.

Por toda a vila, os vizinhos estavam à janela, embrenhados em profundas discussões, dizendo coisas como: «Que tempo horrível!» ou «Para onde foi o nosso verão?».

A bicicleta do Zé era uma BMX vermelha, com um guiador amarelo-vivo e uns pneus pretos, grandes e grossos. No eixo da roda traseira, tinha dois pequenos apoios de metal, que se projetavam para ambos os lados.

– Para que é que serve isso? – perguntou a Flor, de cabeça inclinada.

– Para te pões em pé em cima deles – explicou o Zé.

A Flor cruzou os braços e respondeu:

– Porque é que não te pões *tu* lá em cima?

O Zé ponderou um instante e assentiu com a cabeça. A Flor saltou logo para o selim.

– Nunca andei à pendura – confessou o Zé, enquanto se equilibrava nos apoios, pondo as mãos nos ombros da Flor. – Até é bem confortável.

– Estás pronto? – perguntou a Flor, com os olhos semicerrados.

– Prontíssimo – respondeu o Zé. – Não vás depressa de mais. O travão de trás está um bocado solto.

Mas, antes que o Zé terminasse a frase, já a Flor soltara os travões, e largaram encosta abaixo que nem um foguete!

Em poucos segundos, ganharam uma velocidade vertiginosa. Iam tão depressa que, quando o Zé abriu a boca, as suas bochechas insuflaram como duas bolas gigantes e os lábios começaram a abanar descontroladamente como as orelhas de um cão a curtir o vento à janela de um carro em movimento. O Zé agarrou-se com força aos ombros da Flor, resistindo às fortes rajadas que passavam por eles.

Depois fechou os olhos e sorriu: sentia-se como se estivesse a voar! Tornou a abri-los, no momento em que ultrapassavam uma camioneta cheia de passageiros de olhos esbugalhados, com as caras esborrachadas contra os vidros, vendo-os descer a toda a brida.

– Olha! – gritou o Zé, indicando um pontinho bem alto no céu, mesmo acima deles. – É o Raul!

Depressa deixaram para trás o monte e se embrenharam nas ruas marginadas de casas e de pequenas lojas. Passaram pela mercearia, pelos Correios e pela padaria.

– Ei, uma padaria! – exclamou a Flor, sentindo o maravilhoso aroma que perfumava o ar. – *Mmm...* cheira a bolo...

– Às vezes vou lá com o meu pai – contou o Zé, esperando que não fosse um comentário insensível.

Todas as ruas da vila estavam desertas. As pessoas tinham obviamente decidido ficar em casa, para fugirem àquele tempo horroroso.

Por fim, chegaram a um grande parque, atrás do qual se erguia o Lar de Animais.

Quando se aproximaram da entrada, viram que o Bruno já lá estava.

– Demoraram um tempão – reclamou ele, enquanto o Zé prendia a bicicleta no gradeamento.

– E o Raul? – perguntou a Flor.

– Já entrou – retorquiu o Bruno. – Vou aproveitar que não está ninguém na bilheteira e passar na bisga... vemo-nos lá dentro! – E, num abrir e fechar de olhos, eclipsou-se, deixando-os com a cabeça a andar à roda.

– Adoro quando ele faz isto – comentou o Zé, dirigindo-se com a Flor à bilheteira.

De facto, parecia vazia.

– Por favor?! – chamou o Zé, espreitando através do vidro.

Uma estranha voz cavernosa respondeu das profundezas da cabina.

– Quantos bilhetes?

– Olá, chamo-me Zé e vim falar com o meu pai, que trabalha aqui. É o senhor Broom.

Um instante depois, surgiu uma cabeça à sua frente.

– Ah, com que então és o Zé – disse uma mulher de aspeto peculiar, com uma guedelha emaranhada de cabelo roxo empoleirada na cabeça. – O filho do Alberto! Não te via desde pequenino! Se calhar, já nem te lembras de mim, pois não? Sou a senhora Pog.

De facto, o Zé já não se lembrava dela, mas sorriu na mesma. A senhora tinha uma cara simpática, barrada com espessas camadas de maquilhagem garrida que faziam com que a sua cabeça reluzisse como um esplendoroso arco-íris.

– O que vocês fazem aqui, num dia como este? – perguntou-lhes a Sra. Pog. – Não sabem que vem aí uma grande tempestade? Querem ser atingidos por um raio, é? Olhem que é capaz de arder um bocadinho.

E, com uma piscadela de olho, abriu-lhes a barreira.

O Lar dos Animais era geralmente muito movimentado naquela época do ano. Num dia normal de verão, estaria a abarrotar de famílias e crianças felizes, todas a rir e a olhar, embasbacadas, para os animais, munidas de gelados ou sacos de guloseimas.

Mas, graças ao mau tempo, estava deserto. Ainda assim, o Zé e a Flor conseguiam ouvir o que pareciam ser centenas de vozes.

Só que não eram vozes humanas. Eram vozes de animais.

À medida que avançavam pelo Lar de Animais, eles foram sendo bombardeados por estranhos murmúrios vindos de toda a parte.

– Também estás a ouvir? – perguntou o Zé.

– É quase ensurdecedor... – sussurrou a Flor.

Passaram por uma ema enorme, que os observava do seu cercado. Parecia muito confusa, mexendo a cabeça em todas as direções.

– Acham a minha cabeça demasiado pequena para o meu corpo? – perguntou-

lhes, em tom de pânico.

O Zé e a Flor olharam para a peculiar criatura, sem palavras.

– É, não é? – insistiu a ema. – Por isso é que não me respondem, não é? Pareço ridícula, não pareço? Neste sítio, nem sequer há cabeleireiro!

– Eu acho que a sua cabeça lhe fica a matar! – disse a Flor, encolhendo os ombros.

– A sério? – perguntou a ema. – Não estás só a ser simpática?

O Zé e a Flor seguiram caminho e, eis senão quando, duas gaivotas passaram a voar e pousaram no banco à frente deles. Uma tinha um pacote vazio de batatas fritas pendurado no bico, e a outra parecia muito zangada com a situação.

– Nunca guardas nada para mim! Ooooooh, isso é que naaaaaaaão...! Tem de ser tuuuuudo para ti!

– Pronto, vai começar! – piou a outra. – Não paras de te lamuriar?

– Custava-te assim tanto deixar-me uma batata? *Umazinha* que fosse?

Em resposta, a gaivota mais gorducha grasnou algo irrepetível na cara da outra e levantou voo.

O Zé e a Flor observavam e escutavam, perplexos.

Conseguiam ouvir todos os animais com que se cruzavam. Cada chilro, cada guincho, cada grasnido e rosnadela traduzia-se numa palavra proferida ou num comentário trocado entre os animais. Era incrível. Os macacos queixavam-se, os lamas riam-se. Não havia uma única criatura ali dentro que não tivesse *algo* a dizer.

– Precisamos de encontrar o elefante – disse o Zé. – Lembras-te das anotações do teu pai na enciclopédia? Ele escreveu que os elefantes lhe contavam histórias e que se lembravam de tudo. Por isso, se o elefante tiver alguma vez falado com o teu pai, vai certamente lembrar-se!

A Flor acenou com a cabeça. Quando passaram pelo cercado seguinte, olhou para a copa de uma árvore e chamou:

– Por favor! Sabe dizer-me onde posso encontrar os elefantes?

O Zé seguiu-lhe o olhar, esperando ver um pássaro empoleirado nos ramos altos, mas, para sua surpresa, deparou-se com uma girafa esticando o seu longo pescoço para chegar às folhas tenrinhas do topo da árvore.

A girafa mastigou uns instantes, com um ar pensativo.

– Elefantes, não, elefante... – acabou por responder. – Só vive aqui um. Ali, mais adiante, viram à esquerda e seguem até ao fundo. Hão de encontrá-lo lá, dentro de um cercado grande, com portão de madeira. Não têm como falhar. – E, com um aceno de cabeça, abocanhou mais um punhado de folhas e voltou a mastigar.

– Foi canja! – exclamou a Flor, virando-se para o Zé.

Continuaram a andar e viraram à esquerda, para um caminho longo e sinuoso, que passava por vários cercados cujos animais pareciam querer ficar escondidos. Por fim, lá chegaram a um portão de madeira, atrás do qual se estendia um amplo pasto. Nesse instante, a Flor saltou a cerca e desapareceu no meio da vegetação.

– Espera por mim! – chamou o Zé, tentando acompanhá-la.

Quando finalmente saltou a cerca para o prado, já não havia sinal da Flor. O Zé foi caminhando pela suave encosta até que finalmente a viu.

Tal qual uma leoa camuflada nas ervas, a Flor caçava silenciosamente a sua presa, avançando devagarinho através do campo. De repente parou e sentou-se de pernas cruzadas em frente a uma barreira de arbustos verdes.

O Zé acocorou-se ao lado dela.

– Para onde é que estás a olhar?

– Já vais ver – sussurrou a Flor.

Esperaram em silêncio.

Nisto, ouviu-se um restolhar. Depois, o ribombar de passos gigantescos. As folhas dos arbustos estremeciam, à medida que o som dos passos se ia tornando mais forte. O Zé susteve a respiração. De repente, irrompeu diante deles um elefante.



## UMA HISTÓRIA DE ELEFANTE

O elefante é um animal deveras magnífico. E aquele era grande como um autocarro, exibindo uma tromba longa e grossa, ladeada por duas gigantescas presas branco-pérola. Tinha uma pele cinzenta, toda engelhada e espessa como couro. As orelhas eram colossais, e no cocuruto da sua cabeça crescia um tufo crespo de pelos prateados.

Enquanto o majestoso elefante caminhava pachorrentamente direito a eles, o Zé tremia dos pés à cabeça. Nunca se sentira tão empolgado e assustado ao mesmo tempo.

O animal olhava, com muita atenção, para a Flor, abanando a cauda de um lado para o outro, como uma vassoura a varrer o ar.

– Não vais dizer-lhe nada? – sussurrou o Zé, pelo canto da boca.

A Flor não lhe respondeu. Parecia incrivelmente calma.

Eis que o elefante tomou a dianteira.

– Eu conheço-te – disse, numa voz profunda e aveludada.

O Zé quase se engasgou. Mal podia acreditar que aquilo era verdade. O elefante estava mesmo a falar com eles.

– Já nos vimos antes? – perguntou a Flor ao elefante.

O elefante observou-a por um momento, com a cauda ainda a abanar.

– Vimos, sim, senhora – respondeu, calmamente. – Chamo-me *Jumbo*.

– Gosto desse nome. O meu é Flor – apresentou-se ela. – E este é o Zé.

O Zé sentia agora o coração a pulsar no meio da sua garganta. Olhou em volta, para se certificar de que não estava ninguém a ver – não estava. Não havia viva alma por perto.

O *Jumbo* falou numa voz que parecia de outra época.

– O que vos traz aqui, num dia miserável como este?

– Viemos pedir-lhe ajuda – disse a Flor. – Eu ando à procura do meu pai e achamos que talvez ele tenha trabalhado aqui há muito tempo e que fosse seu amigo.

O *Jumbo* continuou a fitar as duas crianças com os seus olhos redondos e



pretos. Lembravam dois enormes berlines reluzentes. Depois, baixou-se devagar e sentou-se, com um estrondo. O Zé nunca tinha visto um elefante sentar-se.

O elefante balançava alegremente a longa tromba, parecendo muito confortável naquela posição.

– Continuem – disse.

– Descobrimos umas anotações rabiscadas na parte de trás de um livro – interveio o Zé, recuperando finalmente a voz. – Diziam que os elefantes têm uma memória formidável e que sabem contar histórias.

O elefante continuou a olhar para eles. Nem um músculo se mexeu na sua cara.

– Lembra-se de falar com alguma pessoa, antes de nós?

Só então o Zé reparou no ar velho e cansado do *Jumbo* e questionou-se quantos anos teria ele. No entanto, achou indelicado perguntar-lhe tal coisa e limitou-se a esperar pacientemente pela resposta do elefante.

– Falei apenas com um ser humano na minha vida – declarou o elefante. – Conheci-o há muitos anos, mas recordo-me como se tivesse sido ontem.

Os olhos da Flor brilharam.

– Então é mesmo verdade: os elefantes não se esquecem de nada! – exclamou.

– É o que consta – riu-se o velho elefante.

– E lembra-se bem desse ser humano? – perguntou a Flor.

– Claro que sim – garantiu o elefante. – Era precisamente o humano com quem tu estavas quando te conheci.

A Flor olhou para o Zé, radiante. Depois, voltou-se de novo para o *Jumbo*.

– Conte-nos tudo! – implorou.

– Trouxeram-me para o lar quando eu ainda era uma cria, porque nasci com um problema numa perna. Um começo de vida desafortunado, dirão alguns. O certo é que a minha incapacidade sempre me impediu de sobreviver em liberdade e, à conta disso, nunca mais daqui saí.

O Zé e a Flor escutavam-no, em transe, mal se atrevendo a pestanejar.

– Sempre tive uma relação cordial com os seres humanos. Cuidaram de mim a minha vida toda, e eu considerava-os uma raça razoavelmente competente e de boa índole. Mas havia um ser humano que era diferente.

– Diferente como? – perguntou o Zé. Mal conseguia engolir, de tão excitado.

– O curioso com os seres humanos é a incapacidade de nos ouvirem – continuou o elefante. – Bem podemos tentar dizer-lhes alguma coisa até ficarmos azuis, que eles não percebem patavina. Até que, um dia, esse tal ser humano começou a tratar de mim. Passámos muitos anos juntos e, a pouco e pouco, ele foi aprendendo a ouvir-me, a entender-me, e tornámo-nos grandes amigos.

– Ele percebia o que lhe dizia? – perguntou a Flor.

O elefante assentiu com a cabeça.

– Deve ter engolido um dos *quebra-dentes*, como nós! – deduziu o Zé.

O elefante abanou a cabeça e soltou uma gargalhada.

– Enganas-te. A magia de que falas não lhe foi dada. Ele não a engoliu. Aprendeu-a. *Criou-a*. A magia foi obra dele!

– Eu sabia! – exclamou a Flor.

– Eu e o humano aprendemos a falar um com o outro. Ele tinha em mente uma série de invenções. A questão das memórias era uma das que mais o intrigava.

– Das memórias? – perguntou a Flor.

– O poder da minha memória despertava-lhe um interesse extraordinário. Começou por recolher uma das minhas lágrimas e, com o tempo, passou a usá-las para fazer poções mágicas, que guardava em pequenos frascos. Tinha uma ideia maluca de devolver aos seres humanos as suas memórias. Não qualquer memória, mas a mais perfeita e feliz. Queria levá-los, literalmente, de volta a esse momento e permitir-lhes revivê-lo como se fosse a primeira vez. O problema é que havia falhas: às vezes as pessoas perdiam a memória, ou ainda pior. Ele nunca desistiu e não tardou a fazer amizade com outros animais, criando, segundo me constou, mais e mais poções que reproduziam os poderes de cada espécie. Mas voltava sempre para passar tempo comigo, até ao dia em que me disse que ia partir.

– E contou-lhe para onde ia? – questionou a Flor.

– Disse-me que ia para outro mundo.

Nesse instante, ouviu-se um estrondear distante. As espessas nuvens tinham escurecido novamente ensombrando agora o prado.

– Ele mencionou alguma coisa sobre uma tempestade? – perguntou o Zé.

Houve um breve silêncio.

– A última grande tempestade foi há seis anos. Chegou a seis de fevereiro com uma violência tremenda. Os céus pareceram abrir-se e choveu torrencialmente dias a fio. O humano enfrentou os trovões e os relâmpagos para vir falar comigo. Estava muito agitado, como era costume, e contou-me uma história rocambolesca. Disse-me que a tempestade fizera tombar os frasquinhos e que a magia se entornara e se misturara, gerando um luxuriante jardim. Explicou-me que, quando as chuvas o regassem, surgiria um portal para outro mundo... e disse-me que tencionava atravessá-lo. Prometeu regressar e levar-me com ele, mas foi a última vez que o vi.

A Flor virou-se para o Zé, com os olhos a brilhar de lágrimas e esperança.

– A tempestade! – gritou. – É a tempestade que abre o portal que a *Dóris* farejou. Por isso é que o meu pai não voltou! O portal ainda não abriu! O meu pai descobriu outro mundo e nunca mais houve uma tempestade suficientemente grande para o trazer de volta a casa!

– Deve estar tudo relacionado com os frascos que encontrei no chão... – matutou o Zé, tentando fazer sentido do que o elefante lhes contara.

– Eu sabia que ele não ia abandonar-me! Preciso de voltar para a casa agora! – A Flor levantou-se de um pulo. – Tenho de lá estar quando o portal se abrir... – gritou, já a correr.

O Zé levantou-se apressadamente também.

– Ei, Flor!

Preparava-se para a seguir, quando o elefante falou com ele.

– Também já te vi antes, sabes?

– O quê? Ah, sim, o meu pai trabalha aqui – contou o Zé, não querendo ser

malcriado, mas desesperado para ir atrás da Flor.

– Não, estavas com a rapariga – insistiu o elefante.

– Como assim? – perguntou o Zé, baralhado. – Fez confusão, certamente. Eu acabei de a conhecer – acrescentou, por cima do ombro. – Preciso mesmo de ir, desculpe.

A Flor já mal se via, ao longe. O Zé atravessou o prado o mais depressa que as pernas lhe permitiram, saltou a vedação e estava prestes a chamar pela amiga quando uma mão forte o agarrou pelo ombro. O Zé girou nos calcanhares e deparou-se com uma carantonha furibunda com os olhos a chispar.



## O RABUGENTO DO NETTLES

O Zé percebeu, com o coração apertado, de quem se tratava. Era o Sr. Nettles, o chefe do pai.

Era um homem extremamente baixo, com olhos pequenos e maldosos, cabeçudo, careca e com o nariz mais batatudo que alguma vez alguém teve o infortúnio de ver. Parecia uma daquelas rochas escorregadias que há no fundo do mar, e enquanto olhava para ele, todo o corpo do Zé estremeceu com um arrepio de repulsa.

– Mostra-me o teu bilhete – exigiu o Sr. Nettles, estalando os dedos a um centímetro do nariz do Zé.

O Zé não se mexeu.

– Não tens bilhete, pois não? – vociferou o Sr. Nettles, vermelho de fúria. – Bem me pareceu. Saltaste o muro, não foi? Eu não o permito! Ouviste?

Tinha a testa franzida de raiva e cuspiu saraivadas de perdigotos ao falar.

– Jamais admitirei este tipo de comportamento, enquanto mandar aqui! Debaixo do meu teto, *nunca*!

– Isto não tem teto, seu idiota chapado! – ecoou uma voz retumbante, no lado do cercado.

Teria o Zé ouvido bem? Quando virou a cabeça e viu o *Jumbo* junto à cerca, não conseguiu evitar um sorrisinho.

– Porque é que estás a sorrir? – passou-se o Sr. Nettles. – Achas que isto é engraçado, é? Aposto que perdes logo a vontade de rir quando telefonar aos teus pais. Como é que te chamas?

O sorriso desapareceu do rosto do Zé. Não queria arranjar sarilhos ao pai.

– Eu não entrei à socapa – admitiu, com um suspiro. – O meu pai trabalha aqui e a senhora da bilheteira deixou-me passar.

– Está-se mesmo a ver – resmungou o Sr. Nettles. – Deves julgar que nasci ontem.

– Claro que o miúdo não julga isso – barriu o *Jumbo*, outra vez. – Se tivesses nascido ontem, ainda serias um bebé, seu cabeça de ovo pateta.



O Zé deixou escapar um risinho.

– Qual é a piada agora, seu vadio? – gritou-lhe o Sr. Nettles.

– Pedia-lhe que não falasse assim com o meu filho.

O Zé e o Sr. Nettles voltaram-se no instante em que o Sr. Broom se aproximava, fazendo tilintar o seu gigante molho de chaves a cada passo.

Era consideravelmente mais alto do que o Sr. Nettles e parou à frente deles, muito calmo, com o seu fato-macaco poeirento e uma pá enlameada na mão.

O Sr. Nettles recompôs-se e fitou o Sr. Broom diretamente nos olhos.

– Este é o seu filho? – questionou, inchando o peito.

– É – confirmou o Sr. Broom. – E não aprovo a maneira como falou com ele ainda agora.

– Pois este pirralho bem precisa de ser posto na ordem! – berrou o Sr. Nettles.

– De que é que o meu filho é acusado? – perguntou o Sr. Broom, com toda a tranquilidade.

– De entrar aqui à socapa, sem comprar bilhete! – explodiu o Sr. Nettles. – É crime!

O Zé olhou para o pai, que continuava muito sereno.

– Tem alguma prova? – questionou o Sr. Broom.

– Prova? – vociferou o Sr. Nettles, encavacado. – Como assim, uma prova? O miúdo não tem bilhete e pronto!

– Deve haver uma explicação – volveu o Sr. Broom. – Duvido muito que o meu filho tenha entrado às escondidas. Talvez a senhora Pog o tenha deixado passar?

O Sr. Broom olhou para o Zé, que confirmou com um aceno de cabeça.

O Sr. Nettles deu um passo em frente, ficando quase em cima do Sr. Broom.

– Você não gosta muito de mim, pois não, Broom? – interrogou num tom baixo e ameaçador, com um desagradável sorriso malicioso nos lábios. – Não aprova a forma como controlo as coisas por aqui. Pois digo-lhe já: você também não me caiu no goto. Nunca gostei do seu sogro, e de si ainda gosto menos!

O Zé pestanejou. O sogro do pai? O avô dele?

– Bom, isso é bastante claro – respondeu o Sr. Broom. – Agora vou levar o meu filho para casa. Anda, Zé.

Mas o Zé mal o ouviu. Ainda estava meio atordoado, a tentar perceber como é que o Sr. Nettles conhecia o avô, quando o pai lhe pegou no braço e o levou embora do Lar dos Animais.



## OUTRO MUNDO

O Zé tinha a cabeça num turbilhão, no caminho para casa. Seguiam no carro, em silêncio, e ele sabia que devia aproveitar para se desculpar, mas precisava de mais um tempinho...

– O que é que foste lá fazer, Zé? Não te tinha dito como é o senhor Nettles? Uma coisa destas pode custar-me o emprego...

– Eu sei, pai, desculpa – disse o Zé, olhando para a chuva que fustigava a janela. Sabia que lhe tinha de dar alguma explicação. – É que... eu prometi a uma amiga que a levava lá. Ela... está sozinha e... nunca viu um elefante na vida – terminou, de modo pouco convincente.

– Que amiga é essa? – perguntou curioso o Sr. Broom. – De quem é que estás a falar?

– Da Flor – respondeu o Zé. – O nome dela é Flor.

– Flor? – repetiu o pai, olhando para ele, espantado. Depois, riu-se.

– Qual é a graça? – quis saber o Zé.

– Nada de especial. É que era assim que o teu avô costumava tratar a tua mãe quando ela era pequena.

Nisto, o Zé sentiu uma descarga elétrica a percorrer-lhe o corpo, como se tivesse sido invadido por um bando de borboletas do tamanho de morcegos gigantes, que batiam freneticamente as asas dentro do seu peito. O seu cérebro acabara de encaixar a peça que faltava.

– Pai – disse, baixinho –, onde é que o avô trabalhava?

– No Lar dos Animais, claro – respondeu o Sr. Broom. – Era zoólogo. Conteite, não contei? Foi ele que me arranjou este emprego, quando nos mudámos para cá. Já estava a ficar um bocadinho biruta, nessa altura. Dizia à tua mãe que conseguia falar com os animais. Desapareceu pouco depois disso.

A mente do Zé viajava a mais de mil quilómetros por hora.

– E quando foi isso? – perguntou o Zé.

– Há uns seis anos – respondeu o pai, depois de fazer as contas. – Curiosamente, também houve uma grande tempestade nessa altura. Exatamente como esta.

O Zé não conseguia explicar como, mas de alguma forma compreendia tudo.

Mesmo não fazendo muito sentido, era a única explicação possível.

O pai desaparecido da Flor era o seu avô, e a Flor era... a sua mãe.

O bilhete sobre a tempestade que a Flor encontrara no bolso devia ser do avô para a mãe. Nessa altura, ela fora à procura dele na velha casa abandonada e, por algum motivo, nunca regressara.

O Zé não fazia a mínima ideia de como é que ela podia ter apenas 9 anos, no presente, mas estava convicto de que parte da estranha magia que levara o avô para longe, levara também a sua mãe.

A sua mente fervilhava com perguntas às quais não sabia responder. Mas de uma coisa tinha a certeza: precisava de regressar à velha casa do avô, quanto antes!

– Não posso perdê-la outra vez... – sussurrou para si mesmo.

– O que é que disseste, filho? – perguntou o Sr. Broom, virando-se para ele.

Os trovões estrondeavam agora no céu enegrecido e a chuva caía cada vez mais intensa.

– Não podes ir mais depressa, pai?

– Não, não posso, Zé – ripostou o Sr. Broom, zangado. – Está a chover a cântaros. Quase não vejo o caminho.

Olhando pela janela, o Zé reparou que as árvores oscilavam agora para a frente e para trás e que as folhas zuniam pelo ar como enxames de vespas furiosas.

Todas as casas no topo do monte estavam envoltas num manto de escuridão. Enormes relâmpagos rasgavam o céu. O dia transformara-se em noite e a tempestade chegara finalmente.

O Zé tamborilava impacientemente no *tablier* quando, por fim, chegaram a casa. Antes sequer de o pai estacionar, saltou do carro em andamento e zarpou para o quintal das traseiras.

– Zé! – chamou o pai. – Onde é que vais?

O Zé passou a *sprintar* pelo Sr. e pela Sra. Buckley, que acabavam de voltar das suas férias e estavam aos berros com a tia Nora.

– O que diabos fizeste com a nossa mobília? – gritava a Sra. Buckley. – Está ensopada!

O Bruno e o Raul assistiam à cena, rindo às gargalhadas.

– Ei, Zé-Barnabé! – chamou o Bruno, quando o viu.

Mas ele não tinha tempo a perder. A chuva caía copiosamente e um relâmpago iluminou o céu, enquanto ele corria pelo quintal em direção ao beco. Cruzando o portão ferrugento, enveredou pelo túnel que conduzia à casa abandonada. Encontrou a porta aberta e a sua bicicleta largada ao relento.

– Mãe? – chamou, sem pensar. – Quero dizer... Flor! – corrigiu-se, galgando os degraus dois a dois. Nunca correrá tão depressa na vida.

Uma rabanada de ar ultrapassou-o subitamente como uma bala, e o Bruno surgiu milagrosamente no topo da escada. Logo em seguida, ouviu uma voz chamá-lo, atrás de si.

– Espera, Zé!

O Zé virou-se e viu o Raul, voando casa dentro, no seu encalço.



Os três rapazes passaram a correr pela escada que subia até ao covil da Flor, rumo à sala nos fundos.

Conseguiram ouvir a *Dóris* a ladrar desalmadamente à hera.

O Zé engoliu em seco quando entraram na sala.

A parede atrás da espessa cortina de hera desaparecera e, no seu lugar, brilhava agora uma intensa luz dourada.

Chegou-lhes, então, o ribombar de outro trovão, seguido de um enorme relâmpago, que atingiu a casa. A luz bruxuleante atrás da hera faiscou e reluziu.

O Zé protegeu os olhos e aproximou-se, num passo vacilante. Muito lentamente, esticou a mão e afastou a hera com a ponta dos dedos. A luz transbordou através das folhas e um sopro tépido acariciou suavemente o seu rosto. Tinha um aroma adocicado.

– Não disse?! Alperces! – ladrou a *Dóris*, abanando a cauda, num frenesi.

O Zé olhou para o chão. Para além dos seus pés estendia-se agora um relvado verdejante e macio.

Aquela luz intensa e acolhedora brilhava ao redor deles.

– O que é que fazemos? – perguntou o Bruno.

O Zé respirou fundo e encarou os dois irmãos. Havia tanta coisa que não podia explicar-lhes naquele momento. Mas de uma coisa não havia dúvidas:

– Nós prometemos que ajudávamos a Flor a encontrar o pai – disse –, e é isso que vamos fazer.

O Bruno e o Raul entreolharam-se brevemente. Depois, fitaram o Zé e acenaram com a cabeça.

Juntos, deram um passo em frente, atravessando a cortina de hera para outro mundo.

# AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um enorme obrigado a duas pessoas que me ajudaram a escrever este livro. A Anne McNeil e a minha fabulosa editora, Lily Morgan. Jamais conseguirei expressar por palavras a minha gratidão a ambas.

Um agradecimento muito especial à Alice McKinley que tanto acrescentou a esta história com as suas maravilhosas ilustrações; e à incrível equipa da Hachette Children's Group: Alice Duggan, Felicity Highet, Becci Mansell, Jennifer Hudson e todos os outros envolvidos.

Obrigado à minha *copyeditor*, Becca Allen, e à minha revisora, Catherine Coe.

Obrigado ao meu brilhante agente, Sam Day.

E, mais importante de tudo, o meu eterno amor e gratidão à minha lindíssima Ella. Amo-te, querida.



**Jack Ryder** integrou, aos 16 anos, o elenco da icónica série inglesa *EastEnders*, tendo desempenhado o papel de Jamie Mitchell, durante cinco anos. Prosseguiu a sua carreira no teatro, participando em peças de Alan Bennett, Tim Firth e David Hare, antes de se tornar encenador dos musicais de West End *Calendar Girls* e *The Band*.

Ser escritor para o público mais jovem era um sonho de infância, e *O Verão Secreto do Zé* é o seu livro de estreia, inspirado nas suas férias de verão em criança.

**Alice McKinley** completou, em 2018, o mestrado em Ilustração Infantil, pela Cambridge School of Arts. É autora e ilustradora do livro álbum *Nine Lives Newton*.